

A T A B A Q U E

Teologia e Cultura Afro-americanas

.....

Comunidade

NEGRA

.....

desafios atuais e perspectivas

Dagoberto José Fonseca
Osvaldo José da Silva
Marcos Rodrigues da Silva
Antônio Aparecido da Silva
Ezequiel Luiz de Andrade

Comunidade Negra: Desafios atuais e perspectivas

ALVARO CHAVEZ - O artigo trata da situação da comunidade negra no Brasil, com ênfase na região Nordeste. O autor discute os desafios atuais e as perspectivas futuras, destacando a importância da educação e da organização comunitária para a melhoria das condições de vida.

ALVARO CHAVEZ - O artigo trata da situação da comunidade negra no Brasil, com ênfase na região Nordeste. O autor discute os desafios atuais e as perspectivas futuras, destacando a importância da educação e da organização comunitária para a melhoria das condições de vida.

ALVARO CHAVEZ - O artigo trata da situação da comunidade negra no Brasil, com ênfase na região Nordeste. O autor discute os desafios atuais e as perspectivas futuras, destacando a importância da educação e da organização comunitária para a melhoria das condições de vida.

ALVARO CHAVEZ - O artigo trata da situação da comunidade negra no Brasil, com ênfase na região Nordeste. O autor discute os desafios atuais e as perspectivas futuras, destacando a importância da educação e da organização comunitária para a melhoria das condições de vida.

ALVARO CHAVEZ - O artigo trata da situação da comunidade negra no Brasil, com ênfase na região Nordeste. O autor discute os desafios atuais e as perspectivas futuras, destacando a importância da educação e da organização comunitária para a melhoria das condições de vida.

Os Autores

ANTÔNIO APARECIDO DA SILVA (Pe.) - Mestre em Teologia Moral pela Pontifícia Universidade Alfonsiana de Roma; Mestre em Filosofia-PUC/SP; Membro da Equipe de Reflexão Teológica da CNB; Sócio Fundador da Sociedade Brasileira de Teologia (SOTER) e do Grupo ATABAQUE; Cultura Negra e Teologia. Publicações: "Raízes das Religiões Afro-Brasileiras", "Presença Negra na Igreja", "Incubação, Negritude e Teologia".

DAGOBERTO JOSÉ PONSECA - Professor da UNESP; Mestre em Antropologia pela PUC/SP; Licenciado em Ciências Sociais-PUC/SP; Membro do Grupo ATABAQUE; Cultura Negra e Teologia. Publicações: "Lírios Caldos" - Ed. Massad, SP, 1987; "Melanina" - Ed. Scortecci, SP, 1980; "A Linguagem do Universo Negro e Feminino", Revista de Cultura Teológica, Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, SP, 1994.

EZEQUIEL LUIZ DE ANDRADE - Mestre em Ciências da Religião pela Faculdade Metodista e pelo Instituto Ecumênico de Pós Graduação - IMS; Pastor Metodista e Membro do Grupo ATABAQUE; Cultura Negra e Teologia. Publicações: "Igrejas Protestantes e Religiões Afro."

MARCOS RODRIGUES DA SILVA - Mestre em Teologia pela Faculdade Nossa Senhora de Assunção/SP; Bacharel em Filosofia, integrante do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Carlos (UPSCAR); Membro do Grupo ATABAQUE; Cultura Negra e Teologia; Assessor da CPT Regional - Santa Catarina. Publicações: "O Negro no Brasil: História e Desafios", FTD, 1987; "Fistas para uma Teologia Negra", Centro Afro-Ecuatoriano, Quito/Ecuador, 1994.

OSVALDO JOSÉ DA SILVA - Mestrando em Filosofia pela FUC/SP; Licenciado em Ciências Políticas e Econômicas-PUC/SP. Membro do Grupo ATABAQUE; Cultura Negra e Teologia. Publicação: "O Negro na Política".

ATABAQUE 1: Teologia e Culturas Afro-americanas

Colaboradores:

COMUNIDADE NEGRA:
Desafios atuais e perspectivas

Dagoberto José Fonseca
Osvaldo José da Silva
Marcos Rodrigues da Silva
Antônio Aparecido da Silva
Ezequiel Luiz de Andrade

Colaboradores:

Antônio Aparecido da Silva, Edir Soares, Sílvia Regina de Lima e Silva, Dagoberto José Fonseca, Wilson Caetano de Souza Junior, Zélia Soares de Souza, Edna Aparecida dos Santos Souza, Afonso Maria Ligério Soares, Osvaldo José da Silva, Heitor Frisotti, Ezequiel Luiz de Andrade, Eliad Dias dos Santos, Marcos Rodrigues da Silva, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, Phambu Ngumba Balduino.

Comunidade Negra: Questões persistentes e emergentes... 45

Antônio Aparecido da Silva

Comunidades Negras e ATABUQUE - ASETT, São Paulo, 1995

Edição em Língua Espanhola: Centro Cultural Afroecuatoriano (CCA)

Ezequiel Luiz de Andrade

QUITO, EQUADOR.

Índice

Apresentação

- A velha nova ordem mundial exclui os negros 13
Dagoberto José Fonseca
Orvaldo José da Silva
- Comunidades Afro-Americanas: ATUALIDADES HISTÓRICAS 29
Marcos Rodrigues da Silva
- Comunidade Negra: Questões permanentes e emergentes ... 45
Antonio Aparecido da Silva
- Comunidades Negras e Evangelização no Brasil: Assimilação
ou Reinterpretação? 55
Ezequiel Lutz de Andrade

Quando se olha para uma multidão de população afro-brasileira, não é difícil sentir nos olhos a atração do exotismo e as suas dimensões das ainda muito presentes em vários aspectos. Alguns aspectos são ligados pela cultura, os negros, assim como sua cultura indígena, têm-se particularmente atraídos por bens materiais. Porém, no nível da cultura e do senso histórico pela conquista da modernidade, pertencente ao movimento e grande parte da época de revolução e guerra, não podemos falar de comunidades negras no continente.

Em que pese o atual fenômeno da globalização, com ideias compartilhadas pela os setores e povos excluídos, é preciso olhar as culturas das povos marginalizados como força não só de resistência, mas de possibilidade de alternativa. Os mais persistentes entendem que não há a que fazer, diante da longa existência de mitos, imagens, manifestações culturais e suas e suas relações da "realidade".

Apresentação

ATABAQUE é uma nova publicação resultante das análises e reflexões empreendidas por estudiosos de diferentes áreas do conhecimento: Teologia, Filosofia, Educação, Antropologia, Política, Psicologia. O trabalho que vem sendo realizado, e agora publicado, por esta equipe multidisciplinar, tem o objetivo de refletir as questões pertinentes à Comunidade Afroamericana, contribuindo para uma melhor compreensão dos desafios e perspectivas que lhe são afetos.

A questão afro permeia a realidade do nosso continente. Quase todos os países das Américas estão marcados pela presença cultural vinda da África. É bem verdade que nem sempre tal contribuição cultural tem sido assumida e valorizada nos quadros da oficialidade destes países. Mas, indiscutivelmente, é a cultura do povo, que a manifesta na convivência diária, no seu modo de ser e de fazer, na música, na dança, na culinária, nas artes em geral.

Quando se depara com a realidade da população afroamericana, sem dúvida, salta aos olhos a atrocidade da escravidão e as suas consequências ainda muito presentes sob vários aspectos. Nestes tempos assinalados pela exclusão, os negros, assim como seus irmãos indígenas, vêm-se particularmente agredidos por brutal marginalização. Estamos no final do milênio e do século marcados pela conquista da modernidade, entretanto os instrumentos e ganhos desta época de técnica e magia, não resultaram para as comunidades negras no continente.

Em que pese o atual fenômeno da globalização, com nefastas consequências para os setores e povos excluídos, é preciso olhar as culturas dos povos marginalizados como força não só de resistência, mas de possibilidade de alternativa. Os mais pessimistas entendem que não há o que fazer, diante da força niveladora da mídia. Estamos irremediavelmente entregues à sorte e aos caprichos da "mídiação".

Curiosamente, neste contexto, emerge como necessidade de sobrevivência, o anseio pelas particularidades étnico-culturais. Entre os povos excluídos, cresce cada vez mais a consciência de pertença aos distintos grupos étnicos: Negros, Indígenas, garifunas, etc.

O tema da cultura vem abrindo caminho na sociedade como um todo e, particularmente, tem aberto espaço dentro das igrejas. Na Igreja católica, a temática recebe impulso sobretudo a partir de meados da década de 70 com a Encíclica de Paulo VI sobre a "Evangelização no Mundo Contemporâneo". É célebre a observação do Papa quando afirmou que "a ruptura entre o evangelho e a cultura foi sem dúvida o drama de outras épocas, e é também o drama da nossa época" (EN.20). As Igrejas protestantes também têm abordado as questões culturais e suas implicações em termos de fé.

Neste número de ATABAQUE, em primeiro lugar, queremos chamar a atenção para a atual conjuntura, onde "A Velha Nova Ordem Mundial Exclui os Negros". Segundo Dagoberto José Fonseca e Osvaldo José da Silva, "as mudanças ocorridas nesses anos, são obras legítimas pelas grandes instituições, por exemplo, ONU, Banco Mundial, que se afirmam promovendo novas e emergentes situações mundiais. O continente africano é atingido por essas políticas econômicas estabelecidas pela "Nova Ordem Mundial". Os critérios adotados caracterizam-se pela política de exclusão social. A marca determinante é "não reconhecer os sujeitos interlocutores, estigmatizá-los, considerá-los nefastos e perigosos". Os resultados são uma massa populacional africana submetida à influência e ao veto daqueles que orientam a mundialização e determinam a dependência. Para os povos africanos marcados pela conquista e a escravidão, a política de mundialização ou globalização são sinônimos dessas alianças que garantem seu despojo.

A emergência de uma nova consciência negra nas Américas não é fruto do acaso. Marcos Rodrigues da Silva, apresenta uma síntese dos acontecimentos marcantes nas últimas décadas na América Latina e no Caribe, mostrando como o atual fenômeno é resultado da força empreendida pelos movimentos negros na sociedade civil e na igreja. Trata-se de uma análise abrangente que contribui para a visão panorâmica e as motivações fundantes da negritude no momento presente.

Vivemos uma realidade marcada pela tensão entre o desejo e a busca da valorização das distintas particularidades étnico-culturais, e as novas manifestações de racismo caracterizadas pelo anti-multiculturalismo. Em que pese tais contradições, é preciso que os

povos latino-americanos e caribenhos sejam valorizados a partir da sua multiplicidade cultural. Para Antônio Aparecido da Silva, entre as "questões permanentes e emergentes na Comunidade Negra", está a legitimação das suas culturas, inclusive através do processo de inculcação.

Catolicismo e protestantismo defrontaram-se com a realidade das populações negras ao longo dos séculos e continuam se defrontando na atualidade. Ezequiel Luiz de Andrade retoma o tema das "Comunidades Negras e Evangelização no Brasil" e observa que não houve passividade por parte dos negros em assumir pura e simplesmente os santos romanos-cristãos impostos pela Igreja. Houve por parte do negro todo um trabalho religioso voltado para a releitura ou reinterpretação dos símbolos católicos que foram, na verdade, adaptados num novo contexto religioso mais ligado à cosmovisão africana. No entanto, o mesmo não aconteceria com o negro metodista ou protestante, que ligado à religião do branco e do livro, caracterizada inclusive pela ausência de símbolos religiosos, não lhe permitiria a transposição mística da cultura e vivência religiosa africanas.

A Igreja Metodista, por sua vez, tem se mostrado um dos grupos políticos, visto que é a maioria do negro como fator de base e de apoio, para a construção da partir do século XIX. O negro Afro-Brasileiro luta pela negação de sua identidade como também, pela construção do mesmo que lhe é realçado.

ATABAQUE/95.

Muito mais do que nunca, uma luta na busca de autonomia e cidadania está presente na comunidade negra, que além de marginalizada sofre as consequências do processo de racismo negro. O que significa para as comunidades negras na África e na "América", "A Nova Ordem Mundial" com seu projeto de globalização? É disso de que trata o livro, que apresenta o racismo e a identidade negra.

* A presente edição foi elaborada a partir dos trabalhos realizados pelo Conselho do Grupo Atabaque.

Editorial e impressão da Universidade Federal do Rio de Janeiro - Pólo Negro, Movimento Negro, Ed. Tercer Rio de Janeiro, 1993; Movimento Negro - Imprensa Unica e Scritores, Ed. Anna, São Paulo, 1994; Serra, J. Paul - O Negro na América Latina e no Brasil, Ed. Editorial Tróica de Lima, Lima, 1994; Serra, J. Paul - A Questão da Negritude, Ed. Tróica, São Paulo, 1994.

A velha nova ordem mundial exclui os negros*

Dagoberto José Fonseca

Oswaldo José da Silva

A negritude¹ por si só constitui-se em um projeto político, visto que é a reação do negro como forma de luta e de resistência, desde a escravidão a partir do século XVI. O negro-Afro-americano, não só luta pelo resgate de sua identidade como também, pela conquista do espaço que lhe é roubado.

Hoje mais do que nunca, essa luta na busca de autonomia e cidadania está presente na comunidade negra, que além de marginalizada sofre as consequências do processo de exclusão vigente. O que significa para as comunidades negras, na África e na "Díaspóra", "A Nova Ordem Mundial" com seu projeto de globalização? É dentro desse contexto que entendemos realizar a presente reflexão.

* A presente reflexão foi elaborada a partir das discussões realizadas pelos membros do Grupo Anabique.

1. Sobre a questão da Negritude ver: Fanon, Frantz - *Pele Negra, Máscaras Brancas*, Ed. Fator, Rio de Janeiro, 1963; Munanga, Kabengele - *Negritude: Usos e Sentidos*, Ed. Ática, São Paulo, 1984; Sartre, J. Paul - *Orien Negro*, in: *Reflexões Sobre o Racismo*, Ed. Difusão Europeia do Livro, São Paulo, 1960; Beurd, Zila - *A Questão da Negritude*, Ed. Brasiliense, São Paulo, 1984.

1. A ASSIM DENOMINADA NOVA ORDEM MUNDIAL

O que convençionalmente denominar "A Nova Ordem Mundial" são os fatos simbolicamente marcantes do final da década de 80, mas precisamente a partir de 1989, quando o sistema capitalista passa a ser redimensionado.

Concretamente fatos como a desintegração da URSS; a queda do muro de Berlim; o fenômeno da globalização; as empresas transnacionais; o fim do Estado como gestor da economia; acresce-se a tudo isto a decepçante gestão das sociais democracias em grande número de países ocidentais.

O conceito central por trás da assim chamada nova ordem mundial, é a compreensão de que a economia mundial, agora é gestada única e exclusivamente pelas leis de mercado livre. Neste cenário o mercado é o grande regulador da sociedade.

O mercado é quem deve dar as cartas do jogo, não só organizando internamente as sociedades localizadas - entendidas anteriormente pelo conceito de Estado Nacional - mas também regulando as relações exteriores entre uma e outra sociedade.

A privatização faz parte do novo contexto. Passar para o domínio privado o que foi estatizado pela própria "elite" dominante, e que passou pela guarda dos Estados ditatoriais e/ou do capitalismo absoluto.

O Estado já não serve mais como "caixa forte". As "élites" querem retomar de assalto as estatais através dos "leilões". Anteriormente, dizia-se que as "empresas públicas" tinham o fim de criar uma infraestrutura para o desenvolvimento sócio-econômico de um povo, agora não passam de "jurássicas", ineficientes e sinais de atraso.

Os grandes blocos econômicos passam a substituir as megapotências determinantes no período da "guerra fria". São exemplos destas novas formas de organização, o MERCADO COMUM EUROPEU, o NAFTA (Tratado de Livre Comércio da América do Norte com a participação do México), o MERCOSUL - entre Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, e na ponta norte-oriental os chamados "TIGRES ASIÁTICOS".

Os meios de comunicação de "massa" passam a exercer um papel fundamental na disseminação e incorporação de novos valores em todos os setores sociais. Existe na verdade uma metodologia pseudo-

de dependência dos países "periféricos", mas de submissão destes aos "centrais" e "incluídos" na nova ordem, impelindo uns ao progresso irrefutável e outros à quase "inanição" produtiva e tecnológica, possibilitando uma concentração exacerbada da riqueza pelas classes e agrupamentos sociais hegemônicos. Além do que vem acarretando a "asfixia" das manifestações político-culturais de grupos regionais e étnico-raciais, quando tentam homogeneizar a cultura, centralizando-a sob a ótica e tutela das regras impostas pelo mercado.

A nova ordem mundial não configura-se apenas como uma nova forma de se estabelecer as relações entre homens, e entre eles e o mercado produtivo. Ela também configura a sofisticação das relações capitalistas, pois mantém a exploração. A nova ordem, ainda, submete a pessoa humana à cruel expropriação, desestruturando-a, ou melhor, destruindo-a de si mesma, na medida em que retira suas referências básicas, tais como, a cultura local, a identidade pessoal e social, o valor ético e moral, a esperança no porvir.

A eleição de um único referencial lógico no mercado, determinada pela nova ordem, fomenta a desestruturação da pessoa humana. Neste sentido, a violência, as ações suicidas e homicidas, a ingestão de drogas e o florescimento de seitas que "vendem facilidades do céu" via satélite, é parte deste processo maior.

A nova ordem mundial tem trazido e trará sérias e graves consequências às populações excluídas, pelo fato de não poder decidir e de consumir os produtos comercializados.

É incomensurável o impacto social que abate e abaterá sobre as comunidades negras, indígenas e pobres da América Latina e do Caribe, evidenciando que este modelo de planificação econômica em nada satisfaz as exigências do modo de viver dos secularmente empobrecidos.

Afinal, esta nova ordem não considera as relações bio-culturais e sagradas, milenarmente construídas entre o ser humano e a natureza, induzindo compulsoriamente à perda da identidade social e cultural.

Este aspecto tão transcendental para a humanidade, em particular para as comunidades negras e indígenas da América Latina e do Caribe, mergulhadas em suas cosmovisões e costumes, encerra em si mesmo uma ofensa ao ser humano, quando potencializa as leis do mercado e do consumo, subvaloriza o homem, pois submete os homens a serviço desta lei e não ao contrário.

For conseguinte, em favor da vida, a nova ordem deve ser rejeitada por ser mais uma fórmula danosa, por ser responsável pela exploração, dependência, repressão, injustiça, desumanização, sofrimento e morte destes contingentes populacionais.

Neste sentido, se questiona as adaptações destas políticas e fórmulas econômicas pelos países "terceiro-mundistas", particularmente os latino-americanos e caribenhos. Entretanto, são dinamizados processos de espoliação, produção e acumulação que em nada correspondem à cosmovisão e aos valores éticos e morais das comunidades negras e indígenas.

Os governos latino-americanos e caribenhos sabem contudo que estas "adaptações economicistas e monetaristas" são logros fúteis, mágicos e ilusórios que enganam a maioria de suas populações carentes de expectativa.

Entretanto, eles aplicam esta política com vistas a uma melhor relação com as "grandes potências". Esta relação retrata bem a colonização secular e a escravidão, ainda, vivida mentalmente por grande parte de "nossas elites" e nossos povos.

Um exemplo disso é o Brasil, principal país, no que tange ao desenvolvimento técnico-industrial na América Latina ser considerado, como diz a matéria do jornal *a Folha de São Paulo* (19/03/95, pp. 1-18), um "sócio menor da globalização, ele conseguiu absorver 1,1% da oferta de crédito privado mundial em 1993 - o equivalente a 10,9% dos recursos destinados aos chamados países emergentes".

Segundo a matéria da *Folha de São Paulo*, este "modelo condena países a pagar juros altos", pois "os países emergentes, como o Brasil, estão condenados a sempre pagar juros mais altos do que os dos países desenvolvidos. Pelo menos enquanto precisarem de capital para crescer. Essa regra é um desdobramento das mudanças que a globalização operou no mercado financeiro. Agora, o que influencia a taxa de câmbio, em todo o planeta e não só no Brasil, é menos a performance comercial (exportações e importações) e mais a diferença entre o juro pago internamente e o praticado no exterior".

O processo de extorsão financeiro a que os "países emergentes, pobres ou desiguais" estão sendo submetidos, revela o alto índice do custo de vida a que as populações excluídas do consumo estão inseridas, aumentando as injustiças sociais e, consequentemente, as taxas de morbidade e mortalidade populacional, bem como, o desemprego.

Vale enfatizar que a desestatização ou a privatização da economia com a saída do Estado de alguns setores produtivos e estratégicos, gerará cada vez mais o desemprego e o subemprego dos agrupamentos excluídos da sociedade, notadamente de negros, indígenas e portadores de deficiências.

Este fenômeno social é perceptível facilmente, na medida em que negros, índios e deficientes são discriminados pela sociedade e pelo mercado. Não são considerados seres de "alto consumo", seja pela sua visão cultural não consumista e não cumulativa, seja pela carência financeira que vivem dia após dia, seja pela escassa formação técnica para o desempenho de funções entendidas como fundamentais para este mercado impessoal e tecnocrático.

Reitera-se que a nova ordem mundial não traz grandes novidades ou alterações estruturais das economias internacionais, além da sofisticação dos mecanismos de espoliação, de expropriação, de exploração, de submissão dos povos, bem como, um novo arranjo das "elites" no poder gerencial das nações.

3. UMA LEITURA A PARTIR DOS POVOS AFROS NO MUNDO

As mudanças estruturais ocorridas nestes anos noventa, são obras legitimadas pelas grandes instituições, por exemplo, ONU, Banco Mundial, e se afirmam promovendo novas e emergentes situações mundiais.

O continente africano é atingido por essas políticas econômicas adotadas pela "Nova Ordem Mundial". Os critérios adotados caracterizam-se pela política de exclusão social. A marca determinante é "não reconhecer os sujeitos interlocutores", "estigmatizá-los", "considerá-los nefastos e perigosos".

Os resultados são uma massa populacional africana submetida à influência e ao veto daqueles que promovem a mundialização, a dependência e o conceito de cidadania.³ Para os povos africanos marcados pela conquista e a escravidão, a política de mundialização ou globalização é sinônimo das alianças que garantem seu despojo.

Na África estamos tendo um cenário que sinaliza a esperança de uma África do Sul capaz de aprovar uma nova Constituição Nacional.

3. Sobre esta questão, ver Verhelst, Thierry G. - O Direito à Diferença: Identidades Culturais e Desenvolvimento, Ed. Vozes, Petrópolis, 1992.

em que, como agora, a quantidade de políticos e intelectuais foi tão grande e no entanto a qualidade de ambos os grupos foi tão ruim. Justamente quando se poderia pensar que a América negra está dando uma demonstração de sua força política e intelectual, o rigor mortis parece ter se instalado".⁴

É notório que a permanente luta e resistência do negro no mundo é devido à situação de exploração e miséria em que foi ao longo da história subjugado. Como no passado, os negros jamais se dão por vencidos na sua luta contra o racismo.

Assim, fatos como o movimento contra o "apartheid" na África do Sul; a regularização da posse das terras remanescentes dos Quilombos, no Brasil; a regularização da posse das terras devolutas de negros "Lei 70", na Colômbia; revelam o crescimento de luta e organização das Comunidades negras latino americanas e caribenhas.

4. O PROJETO POLÍTICO - UMA PROPOSTA NEGRA

Antes de qualquer reflexão acerca deste tema, vale lembrar que o conceito de nova ordem mundial é uma formulação que tem sua origem na proposta dos países "não-alinhados". Os contornos que ganhou no novo cenário geo-político-econômico, confirma que a "nova ordem", mais que um arcabouço ideológico, é sobretudo um arcabouço idólatrico.

Este arcabouço idólatrico é decorrente do processo de fetichização das relações sócio-mercado-lógicas ocasionadas pela transnacionalização e satelização da produção, da mão-de-obra, das riquezas nacionais e da volatilização das moedas,⁵ dissolvendo as soberanias e insolvidendo o Welfare State (Estado de Bem-Estar Social).

Frente a essa imposição, cabe aos setores e agrupamentos sociais excluídos repensarem sua prática secular de luta, e articular novos meios a fim de chegar a outros fins. Fins esses com projetos eficazes e mais duradouros, mais positivos através de um projeto ou de vários projetos.

4. West, Cornel - *Questão de Raça*, Ed. Companhia das Letras, São Paulo, 1994, p. 131.

5. Volatilização das Moedas, significa que o valor real da moeda perde o seu valor monetário, ou melhor, ocorre uma dissolução ou evaporação do valor monetário da moeda, o que valia antes não vale hoje e valerá menos ainda amanhã.

A elaboração de um projeto político-econômico e cultural se faz necessária. É fundamental que a negação deste modelo econômico possa afirmar nova proposta, neste caso específico a partir de uma ótica negra, encerrando uma visão de mundo nesta conjuntura e estrutura social.

Este projeto é uma atitude coerente e consistente de parcela considerável dos excluídos sociais que fazem e devem propor de forma aberta e democrática uma saída para o conjunto da população. Ela é uma "negração".

O projeto é uma busca incessante de construção e reafirmação de uma nova sociedade a partir de um modelo que respeite a pluralidade e a multiplicidade de opções sociais, étnicas, sexuais, etc, que se encontram hoje postas no cenário mundial.

A negritude é a afirmação deste ser que é negro/negra; é uma "negra atitude de ser" pessoa; é a negação da negação. Estes negros/negras, que em vão tentaram fazer esquecer a própria história, vivem imersos em si mesmos e numa sociedade que promove a ruptura de seus valores étnicos, sociais e culturais; mas eles querem retomar a história, conscientizando-se, rebelando-se, fazendo ver que não são apenas um "jão ninguém", ou "maria vai com as outras".

A história dos negros não começa com a escravidão; não viemos ao mundo por causa do projeto colonialista. Nossa história é anterior à escravidão. Afirmar a negritude é, antes de tudo, afirmar um projeto político, uma proposta política.

A negritude para nós, é muito mais do que afirmar a cor da pele, que é uma evidência. A negritude é afirmar uma história que foi negada, é resgatar os sonhos perdidos dos Quilombos. Isto implica num compromisso radical com a causa de um povo que é o nosso povo. História de um povo solidário com todos os povos oprimidos da história.

Ser negro/negra é uma conversão à solidariedade. A negritude constitui um desafio, não só para os negros, mas para todas as sociedades da América Latina e Caribe, já que a questão da negritude está no cerne mesmo, da formação social de nosso continente e das exigências de mudanças estruturais.

A negritude é uma postura histórica, e política. É uma atitude de reivindicação e resgate frente à história de negação do ser negro(a) exercida pelos agrupamentos hegemônicos. Desde este ponto de vista,

colocar para nossas sociedades a negritude como projeto político, implicará em conflitos. Os conflitos nascerão porque ser negro(a) implica em resgate e reivindicação de uma história. História de rebelião e criação.

Os negros(as) sempre souberam que a força de sua luta está na capacidade de agir organizadamente. Somente ações organizadas podem combater eficazmente as instituições fortemente estruturadas. É preciso reivindicar o direito de usufruir das riquezas que ajudamos a construir, quando não fomos diretamente seus principais e próprios forjadores.

O lugar fundamental da gestação da negritude como projeto político se dará principalmente na "comunidade negra e na sua militância", espaço dialético (porque educa para a afirmação, negando a negação), imprescindível para a formação da auto-estima e da identidade negra.

A afirmação da negritude como projeto político, é a afirmação de uma cosmovisão que permite resgatar valores e idéias de uma sociedade igualitária, onde o diálogo inter-étnico é construído a partir das diferenças e não por cima delas. Onde a religião, na sua dimensão política e cultural, é vista como um ingrediente positivo e articulador.

A reafirmação do ideal de uma nova ordem mundial autêntica, radical e profunda deve superar a visão funcionalista e estruturalista da sociedade. A nova ordem não deve somente propor uma nova política de reajuste econômico e de rearranjo das "elites". Mas um novo padrão ético-moral e político das relações sociais, onde a pessoa e a vida sejam elementos articuladores do processo político-econômico.

O projeto político da negritude, tecido na linguagem simbólico-cultural (dança, música, literatura, produção alternativa e artesanal da produção de bens materiais e simbólicos), tem como referência uma realidade abrangente que subverte a lógica mágica do neo-liberalismo.

Este projeto aponta valores que são vitais para a humanidade e que dão respostas à perda da identidade e à angústia existencial da humanidade, na medida em que nos afirma a pessoa com seu valor em si mesma e não como unidade de produção. A terra, por exemplo, é concebida não como reserva de valor, mas como espaço vital. A nova sociedade só será nova, de fato, se nascer a partir da nova pessoa gerada numa nova ética individual e social.

Na perspectiva da negritude, a mística e a espiritualidade são ingredientes de luta e de resistência no respeito à diversidade dos processos vividos, e na construção da identidade pessoal e coletiva.

Um novo padrão de relações pressupõe uma nova relação interpessoal; como também, uma nova relação do ser humano com a terra, na base da harmonia ecológica. Pressupõe também uma relação inter-institucional que leve à desnomeização dos grupos negros (entidades/movimentos). Os grupos negros e suas associações devem assumir a negritude como elemento de mobilização e nucleação, construindo alianças pontuais sem desconsiderar a conjuntura, a estrutura, as divergências. A união dos grupos negros se faz no assumir um conjunto de princípios e de estratégias de articulação que contemplem ações dirigidas aos excluídos.

Dentre estes princípios de luta e mobilização podemos elencar:

- Luta pela recuperação do espaço vital (terra), à partir do resgate dos remanescentes de quilombos, palenques, cimarrons, etc., e pela demarcação das reservas indígenas em territórios adequados para a manutenção da cultura e da reprodução da vida em condições satisfatórias;

- Luta pela conquista de políticas de reparação que possibilitem ao povo negro e ao conjunto dos excluídos o acesso às políticas públicas de boa qualidade (emprego, saúde, educação, moradia, transporte, higiene, esporte, lazer, etc.);

- Luta pela educação baseada numa formação para a cidadania, para a política, como realização pessoal e coletiva, não para uma simples e imediata qualificação quantitativa para suprir ou competir no mercado de trabalho, mas para a vida digna.

No que tange a estratégias de ação, podemos elencar algumas propostas concretas relacionadas com os princípios:

- Criar mecanismos de intercâmbio e diálogo no eixo SUL-SUL. Neste sentido, estabelecer programas de apoio, solidariedade, que cheguem ao envio de lideranças capacitadas para colaborar com as demais lideranças dos países aliados. Por exemplo, o pedido emergencial de Angola para educadores do magistério, no sentido de solucionar a grave situação de analfabetismo (80%);

- O aproveitamento sobre temas relevantes para o crescimento de uma identidade nacional afro e, a valorização de uma compreensão global de identidade mundial; ser negro(a) aqui é o mesmo na situação discriminadora na Europa atual. As situações aumentam ou diminuem de acordo com as políticas dos Estados e da própria sociedade civil;

— Promover a continuidade dos debates sobre os novos paradigmas nas estâncias já motivadas neste momento, como nas O.N.G.s, nas Conferências Episcopais, nos Centros Ecumênicos, etc...

— O mesmo deve acontecer junto aos "Movimentos Negros", pois caso isso não ocorra, as saídas tornam-se quase impossíveis de serem sinalizadas, diante das demandas e dos processos evolutivos do mercado capitalista mundial. Temos que interpretar a globalização com o dinamismo afro que acreditamos e sabemos ter.

— Estabelecer uma rede de informações entre os grupos negros e demais excluídos dos diversos países, de forma que nossas práticas sejam comungadas com todos, e nossas informações sejam mais seguras, eliminando o efeito negativo da mídia.

— Implantar uma ampla política de "informação de quadros" que assegure a socialização e a politização das comunidades negras e marginalizadas;

— Realizar cursos itinerantes em todos os países latino-americanos e caribenhos para que possam usufruir de um mesmo curso, deslocando a temática e não as pessoas;

— Estabelecer intercâmbio com organizações e grupos negros e excluídos existentes nos diversos países;

— Participar dos diversos movimentos de base, respeitando sua especificidade, sem contudo deixar de falar também das questões estruturais e conjunturais que estão presentes nas políticas racistas, genocidas e etnocidas, atingindo negros e indígenas na América Latina e no Caribe;

— Investir em educação popular baseando-a numa etno-pedagogia, eliminando o processo homogeneizador da educação formal;

— Estruturar uma política consistente de diminuição do déficit educacional da criança e do jovem negro na escola, da base até a universidade, incluindo bolsas de estudo, com um acompanhamento psicopedagógico sistemático. Possibilitando que os alunos negros e indígenas tenham consciência da relação "opressor x oprimido" dentro do seu próprio campo de símbolos e de técnicas de saber "científico";

— Construir redes de apoio e de auto-ajuda econômica que permitam financiar projetos produtivos micro e macro-empresariais, individuais e comunitários que deem conta da auto-sustentação e melhor condição de vida às comunidades negras, indígenas e populares, tradicionalmente excluídas do acesso às condições materiais, simbólicas e espirituais;

— Articular redes de apoio moral, logístico e financeiro a fim de viabilizar, tanto individual como comunitariamente, a retirada das crianças e adolescentes das ruas, dando-lhes assistência jurídica, médica, alimentar, habitacional, empregatícia, educacional, lúdica, técnica e científica, sem esquecer a cultura, e os direitos constitucionais;

— Estabelecer redes de auto-ajuda que visem a atenção sistemática da saúde das crianças, jovens e idosos, principalmente no que diz respeito à hipertensão arterial, à anemia falciforme, ao mioma uterino, etc., doenças que atingem com maior incidência a população negra, excluída do sistema de saúde; além de incentivar heróis de ervas medicinais;

— Contactar empresários negros, indígenas e, mesmo, "possíveis aliados" para a abertura de frentes de trabalho dentro ou fora de suas empresas a fim de minorar ou, de fato, melhorar a condição de vida, estimulando a mão de obra de seu "patrícios", inclusive retirando crianças das ruas a partir destas parcerias. Neste sentido, "terceirizando" algumas ações empresariais entre os excluídos sociais;

— Estruturar de maneira eficiente e prática, a compra coletiva ou comunitária de produtos básicos, a fim de baratear seus preços no mercado de bens de primeira necessidade;

— Estabelecer uma parte de trocas de serviços técnicos entre os diversos "trabalhadores excluídos" da sociedade de consumo (ex.: um pedreiro troca serviço com um electricista, que troca com um encanador, que troca com o pedreiro), gerando assim maior "poupança" entre eles, além de revigorar ou montar a idéia do mutirão;

— Reforçar a auto-estima, e fomentar a construção da identidade pessoal e étnica das crianças e dos adolescentes negros e indígenas, a partir de festas, eventos culturais, etc.

Esses princípios e essas estratégias têm o intuito de provocar uma política de não atomização dos grupos de forma a gerar um verdadeiro, mas não monolítico, Movimento Negro latino-americano, caribénho, continental e intercontinental.

5. METODOLOGIA - PLANO E ESTRATÉGIA DE AÇÃO

Planejamento Estratégico: Algumas ações do movimento negro foram realizadas sem um planejamento estratégico. Entenda-se, de maneira geral, que a metodologia, o plano de trabalho, aconteceram

espontaneamente no processo, e se amoldariam às diversas facetas da realidade social, cultural, política e econômica. Havia um certo preconceito em relação aos planejamentos, os quais eram interpretados como "coisa de intelectuais", de "teóricos", que gostam de pensar, refletir suas ações, sendo tudo muito demorado e, uma vez levadas à prática, redundavam em frustração.

No entanto, os anos passaram e percebemos que nossas ações precisam ser mais consistentes e organizadas. Para "desmontar" ou interferir na estrutura dominante, é imprescindível a organização.

Atualmente, os processos econômicos, políticos e culturais a nível mundial vêm provocando o debate frente aos novos paradigmas colocados pela Nova Ordem Mundial. Questões como: a força de intervenção da sociedade civil, a valorização da cidadania, até que ponto são relevantes?

A fim de colocar em cheque a Nova Ordem, nos anos 70 e 80, muitos grupos e movimentos negros foram surgindo. Entre eles se encontram os A.P.Ns (Agentes de Pastoral Negros), o M.N.U. (Movimento Negro Unificado) e a UNEGRO (União de Negros pela Igualdade). O movimento negro tende ao processo de alianças com as O.N.Gs, movimentos feministas, meninos e meninas de rua, meio ambientalista, afro-religiosos, educação popular, movimentos populares e sindicais, etc.

Diante desse conjunto de fatores, é imprescindível, de antemão, salientar que o tempo de duração para a implementação de um projeto político-cultural-econômico que atenda às necessidades da população negra e demais excluídos, não pode ser determinado *a priori*. É preciso levar em conta os séculos de espoliação, expropriação e negação que pesam sobre a população negra e indígena. Igualmente, há que se fazer um trabalho de identificação e conscientização com tais populações, visando a superação da baixa estima de si mesmas.

As possíveis lideranças neste projeto, não podem ser "míopes" ou "cegas" diante da ilusão vanguardista. O processo de conscientização implica em uma ação permanente que permite vislumbrar os "ganhos" e as "derrotas".

Simultaneamente a isso é importante que se procure articular uma infra-estrutura que dê conta de agilitar e/ou suportar a demanda e as dificuldades que possam surgir no caminho de transformações deste projeto em programa cotidiano de trabalho. Para tanto, cabe estruturar redes de informações ágeis e seguras como alternativa à mídia mani-

pulada pelas "elites" do e no poder. Esta rede de informações pode ser um pequeno boletim, um jornal, uma rádio comunitária, ou até mesmo a comunicação "boca-a-boca". A comunicação alternativa, é um elemento que faz com que o projeto se constitua num corpo forte e coeso, permitindo consequentemente a concentração de forças na comunidade.

A tradição africana carrega a herança dos trabalhos organizados e realizados por todos para o bem aproveitamento de todos. Os Bayombe do Zaïre chamam esta tradição de Kingandi. No Brasil, chamamos "mutirão".

6. CONCLUSÃO

A constatação sobre os efeitos da nova ordem mundial, é uma necessidade premente. Entretanto, é preciso ir além. No início da presente década as referências básicas e as utopias pareciam não terem mais espaço dentro do gigantismo da proposta neo-liberal. Passados estes primeiros anos, e na medida em que a década avança, ficam cada vez mais patentes as lacunas do sistema político-econômico vigente.

A racionalização das economias tem tido como consequência, brutal desemprego. A situação de marginalização, acresce-se também a realidade da exclusão. Se a primeira (marginalização) atinge as populações pobres do terceiro mundo, a segunda (exclusão), atinge indiscriminadamente os pobres, a classe média, e os técnicos também.

Em recente documento firmado pelos representantes do Grupo dos 15, em Buenos Aires, critica-se os efeitos sociais da globalização da economia. Os presidentes das nações representadas naquele evento, observam que são funestos os efeitos sociais gerados pelo processo de globalização das economias mundiais, como o aumento do desemprego e da pobreza. O setor de serviços não está gerando os postos de trabalho necessários para suprir a perda de empregos nos setores agrícola e manufatureiro. Observam também que 30% da mão-de-obra urbana na América Latina e 60% na África atuam no mercado informal. Reclamam que os países industrializados não deveriam reduzir as oportunidades de emprego impondo barreiras comerciais ou restringindo o fluxo de recursos aos países em desenvolvimento. O fenômeno da globalização é tanto mais complexo na medida em que os próprios países desenvolvidos não têm como controlar os fluxos de capitais⁶.

6. Cf. Folha de São Paulo, 07/11/95, p. 1-7.

A população negra, historicamente excluída, vê-se diante de um imenso obstáculo. Sobre grande parcela das sociedades, está presente a expectativa da inserção e participação no fantástico processo econômico. Nações, inclusive, alimentam tal ilusão. Aos negros, bem como aos indígenas, não lhes é dada se quer a possibilidade de tal expectativa e ilusão. O acesso ao mundo maravilhoso desenhado e "mediatizado" pela nova ordem, não depende dos seus desejos e dos esforços. Tudo está previamente determinado e executado por um sistema altamente seletivo.

As recentes manifestações de negros nos Estados Unidos, particularmente a "Marcha Sobre Washington", mostram o grau de insuportabilidade das condições a que, sobretudo os negros, são submetidos. O acontecimento histórico de 16 de outubro foi um protesto, porém, mais que isto, foi um "basta!" de mais de um milhão de negros que não suportam mais tanta marginalização e injustiça.

Diante do quadro aterrador que envolve as populações excluídas, e insiste particularmente sobre as populações negras, a única possibilidade que resta é a reação destas mesmas populações. Neste sentido, mais que nunca, urge a necessidade do diálogo e articulações entre os países do sul, incluindo inclusive as áreas de pobreza que crescem também em regiões do norte.

Em síntese, a "Nova Ordem Mundial", que não passa de um velho instrumento de marginalização e exclusão, tendo sido implantada de forma arbitrária e sem qualquer anuência das populações pobres, não poderá ter os seus efeitos atenuados sem a presença ativa dos próprios excluídos.

Em síntese, a "Nova Ordem Mundial", que não passa de um velho instrumento de marginalização e exclusão, tendo sido implantada de forma arbitrária e sem qualquer anuência das populações pobres, não poderá ter os seus efeitos atenuados sem a presença ativa dos próprios excluídos.

COMUNIDADES AFRO-AMERICANAS: Atualidades Históricas

Marcos Rodrigues da Silva

Pretendemos neste texto abordar alguns eventos importantes para a memória e compreensão da realidade das comunidades afroamericanas na atualidade. Indicamos alguns passos procurando oferecer um panorama a partir de algumas significativas etapas vividas pelas comunidades negras na América Latina e no Caribe. Tentaremos também uma síntese dos conteúdos, buscando elucidar elementos que possam contribuir para uma ulterior reflexão teológico-pastoral, que aliás, constitui uma das preocupações na pauta atual dos agentes cristãos afroamericanos. Hoje, por todo o continente, crescem as experiências eclesiais e o potencial das lutas reivindicadoras do povo negro. São sinais de um momento marcante na formação de uma nova consciência.

Constata-se nos últimos dez anos em meio à população negra, o surgimento de lideranças que contribuem significativamente para o avanço do debate sobre temas e questões desafiadoras, relativas à comunidade negra. O mais importante, é que tais lideranças surgem dos encontros, dos núcleos e dos grupos negros. São lideranças, portanto, com grande capacidade de visão crítica da realidade. A militância negra está sendo beneficiada com este fato. No debate atual empreendido pela militância, não só o resgate da cultura é prioritário, mas também o tratamento das questões políticas e sócio-econômicas que dizem respeito a todos, em particular à população negra.

Dentre os acontecimentos importantes para a formação das lideranças e militância negra nos últimos tempos, destacam-se os "Congres-

sos de Cultura Negra", "Os Movimentos Negros" e os "Encontros de Pastoral Afroamericana". Estas três iniciativas que fazem parte da história recente do movimento negro brasileiro e latinoamericano, serão objetos da nossa reflexão.

1. CONGRESSOS DE CULTURA NEGRA

A iniciativa de organizar este tipo de evento surgiu da preocupação de vários profissionais: historiadores, sociólogos, antropólogos, artistas, escritores, cientistas, com o objetivo de fazer um exame multidisciplinar da problemática continental sobre a realidade social e cultural dos afroamericanos.¹

1.1 Realidade Sócio-Cultural dos Afroamericanos

O primeiro Congresso sobre cultura Negra das Américas ocorreu em Cali, na Colômbia, na década de 70, ou para ser mais preciso, no período de 24 a 28 de agosto de 1977. O Congresso foi convocado e respaldado pela Fundação Colombiana de Investigadores Folclóricos.²

O objetivo era promover uma reflexão feita por afroamericanos, e sobre os afroamericanos com a finalidade de superar entraves e barreiras políticas, culturais, econômicas e religiosas, impostas pelos colonizadores e mantidas atualmente. O tema do Congresso foi a "realidade social e cultural dos afroamericanos".

Os participantes do Congresso foram divididos em quatro grupos de trabalho. O primeiro grupo tratou das "questões políticas, religiosas, estéticas e morais". O segundo grupo se ateve às questões das "estruturas sócio-econômicas". O terceiro grupo ficou com a análise das "artes e tecnologia". Enquanto o quarto grupo tratou as questões pertinentes à "Etnia e mestiçagem".

O primeiro grupo de trabalho, encarregado das questões políticas, religiosas, estéticas e morais, concluiu que as várias formas religiosas praticadas pelos negros, especialmente aquelas provenientes da África,

1. Cf., *Atas del Primer Congreso de la Cultura Negra de las Américas*, In Cuadernos Negros Americanos I, Quito, 1989 pg. 19.

2. *Ibid.*, pg. 1.

foram de importância capital como fator de coesão das comunidades negras, e de resistência diante das imposições dos colonizadores.³ O mesmo grupo de trabalho enfatizou que nos vários países da América Latina e Caribe, se reconhece ao negro, constitucionalmente, seus plenos direitos de cidadão, porém na prática se lhes impõem formas discriminadoras, tanto do ponto de vista econômico, político, quanto religioso e cultural, que acabam por negar de fato tais direitos. O pior de tudo é que as discriminações são feitas de tal modo, e introjetadas já desde a infância, que aparecem como algo natural dentro do sistema social.

Para fazer frente aos vários tipos de discriminação e marginalização do negro no continente e fora dele, os congressistas acreditam que seja necessário criar uma identidade forte entre os negros. Valorizar sua própria cultura. Intensificar suas lutas. Unificar seu pensamento político.

O grupo de trabalho observou também que o sistema educativo em cada um de nossos países, é na verdade, um fator de alienação geral, e de discriminação da criança e do jovem negro. Para mudar tais práticas do sistema de ensino, é necessário organizar um movimento que inicie um processo de desalienação desde a infância, e que exija uma educação secundária e universitária baseadas na igualdade.

O segundo grupo ao deter-se nas questões relativas às "estruturas sócio-econômicas", constatou que a partir da abolição, intensifica-se o problema entre raça e classe. A passagem para a vida republicana relegou o negro na condição de inferioridade social e econômica, em todo o continente. De modo geral, na prática, a população de origem africana continua em situação de dependência e paternalismo. Portanto, é necessário criar uma solidariedade universal de luta pela libertação integral dos povos negros da América. Entretanto, insistem os congressistas, "é bom não esquecer que a libertação do povo negro tem que partir fundamentalmente de seu próprio esforço, sem desprezar as forças que vem de outros pontos".⁴

O grupo que tratou das "Artes e Tecnologias", não teve dificuldades em concluir que "quase toda a música popular americana, está basicamente construída sobre pilares africanos (...). O negro introduziu novas formas artísticas, técnicas e uma nova concepção filosófica

3. Cf. Cuadernos Negros Americanos 1, pg. 27.

4. Cuadernos Negros Americanos 1, pg. 31.

da música. Há que ressaltar a presença negra nas artes em geral, e em particular, na dança, pintura, escultura, arquitetura, linguagem, literatura e artesanias. Não se pode deixar de admitir também que a tradição cultural dos escravos, trazida da África tenha um elevado grau de domínio tecnológico nas atividades minerais, na agricultura, na caça, na pesca e nos meios de transportes.⁵

O quanto grupo encarregado das questões da "Etnia e Mestiçagem, Casta e Classes", observou que quando um indivíduo é qualificado como negro, ou quando ele se sente negro, emerge uma identidade étnica, que constitui o fundamento de uma etnia negra.

Nos diversos países, afirmaram os congressistas, por todos os meios tentam diminuir a população negra, inclusive, utilizando a mestiçagem como artifício. A mestiçagem é algo interessante e bem quista desde que seja resultado da deliberação das pessoas.

Não é o caso de reportar aqui toda a ata do Congresso, mas nos parece de fundamental importância recordar as duas recomendações aprovadas pelos congressistas.

Primeira: A denúncia de que "a maioria dos textos de história, sociologia, economia e política dos países americanos omite, mutila e deforma a participação autêntica do negro no desenvolvimento dos distintos países dos quais é parte fundamental".⁶ Segunda: A constatação de que "a história do negro na América não pode seguir difundindo-se, escrevendo e interiorizando-se simplesmente a partir das crônicas da escravidão".⁷

Além do substancial conteúdo, o primeiro Congresso de Cultura Negra foi importante por tratar-se de um acontecimento realmente histórico.

1.2. Identidade Cultural do Negro nas Américas

O segundo Congresso de Cultura Negra das Américas, foi realizado na cidade do Panamá, de 12 a 21 de março de 1980. O tema do Congresso foi: "Identidade Cultural do Negro nas Américas". O evento

5. *Idem*, pg. 34.

6. Cuadernos Negros Americanos 1, pg. 41.

7. *Idem*.

negras, superando os entraves internos que esgotam e enfraquecem os movimentos. É igualmente necessário, individual e coletivamente, assumir posições políticas conseqüentes com as necessidades reais dos negros.¹⁰

1.3. DIÁSPORA AFRICANA: CONSCIÊNCIA POLÍTICA E CULTURA

O terceiro Congresso de cultura negra das Américas foi realizado em São Paulo, entre os dias 22 a 27 de agosto de 1982. O tema central foi "Diáspora africana-consciência política e cultura".¹¹ O clima democrático que reinou nas sessões do Congresso foi considerado fundamental para tratar as questões de modo responsável e também um sinal marcante da vitalidade nacional e internacional dos Movimentos Negros. O congresso teve um encaminhamento bastante prático. Inicialmente foram tratadas algumas propostas e recomendações como por exemplo: A solidariedade com o povo da Namíbia; Solidariedade com o ANC - Congresso Nacional Africano, com Nelson Mandela e com a luta contra o Apartheid; Repúdio ao GAP - Grupo de Assessoria e Participação do Governo do Estado de São Paulo na sua proposta de esterilização das mulheres afro-brasileiras, e outras questões mais.¹²

Entre os temas tratados, teve maior relevância a questão "cultural das afro-américas". Sobre este assunto, foi ressaltado o papel das religiões africanas na preservação e no desenvolvimento da identidade espiritual e social, e na sobrevivência física dos afroamericanos. Foram ressaltados também a "arte e a criatividade negras contemporâneas", bem como, a "situação atual da cultura africana na diáspora". A reflexão sobre a questão "cultural afroamericana" terminou indicando três pontos:

- a) A urgência de se formular um projeto pedagógico, através do qual a participação da cultura negra da diáspora seja tão relevante na construção da identidade negra, quanto tem sido a cultura dominante na fragmentação e negação da identidade social do negro na diáspora.

10. Idem, pg. 68-80.

11. Cf., Atlas del Tercer Congreso de Cultura Negra de las Américas, In Cuadernos Negros Americanos 1, Quito, 1982, pg. 81-120.

12. Idem, pg. 85.

b) Resgatar a visão de mundo subjacente à estas manifestações culturais, tendo presente a atualização das experiências de resistência negra.

c) Articular uma ação política que tome a dimensão cultural como ponto de partida.

Para concretizar tais objetivos, foram sugeridos alguns passos, como por exemplo:

- A criação de centros afroamericanos;
- A criação de produtos culturais alternativos, que se incorporem às formas de manifestações religiosas e culturais já existentes;
- Criar uma revista internacional que sirva para informar o caminho de luta dos negros na diáspora;
- Realizar a proposta surgida no segundo congresso, no sentido de concretizar o projeto sobre história da diáspora africana no novo mundo;
- Constituir um comitê de cultura e educação, formado por investigadores, professores e especialistas de áreas com o objetivo de formular um projeto político-pedagógico capaz de resgatar a identidade do homem negro nas Américas.¹³

Foi também bastante debatida no Congresso, a questão dos "Movimentos Sócio-Políticos", indicando algumas áreas onde a reflexão e a ação se fazem necessárias, como por exemplo: A marginalização, os menores abandonados, a política partidária, o problema da terra, o desemprego, a situação da mulher, a violência policial, o extermínio do negro.¹⁴

Foram discutidas também no Congresso, quatro outras questões:

- a) Um projeto de organização internacional dos negros;
- b) A criação de uma associação internacional de negros;
- c) As relações África/Afroamérica Latina;
- d) A presença da mulher negra;

A propósito deste último tema, as mulheres presentes no Congresso, assim se manifestaram:

13. *Quadernos Negros Americanos* 1, pg. 94-99.

14. *Ibidem*, pg. 100-101.

"... Nós mulheres negras, em particular, somos o melhor exemplo de superação pessoal, força de caráter e integridade moral, apesar de viver em sociedades completamente hostis, que nos exploram como força de trabalho, como sexo e como raça. É, portanto, momento de se reconhecer nossos méritos, já que a tendência das minorias no poder, nas sociedades dominadas, é de nos ignorar ou de não nos prestar a devida atenção.

É hora de reconhecer o papel fundamental que desempenhamos na transmissão dos valores da cultura de nossos antepassados, bem como nossa participação decisiva na acumulação de riquezas das novas sociedades americanas. Damo-nos conta de que a luta da mulher negra africana, caribenha e latinoamericana, é parte da luta por uma nova ordem social e pela destruição de todas as formas de privilégios econômicos que têm origem nas discriminações racial, sexual, intelectual e de classe.

Nossa luta, portanto, tem por objetivo a destruição total da dominação exercida pelos povos imperialistas sobre os povos colonizados".¹⁵

Ao retomar os registros e avaliados os resultados, podemos dizer que os "Congressos de Cultura Negra" sinalizaram uma fase importante do movimento afroamericano. Ao mesmo tempo em que representaram a mobilização dos movimentos negros em cada país, foram também fator de animação destes mesmos movimentos. Representaram também, o crescimento da consciência negra em nível continental.

2. O MOVIMENTO NEGRO BRASILEIRO: EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS

O Brasil é um referencial importante para o Movimento afroamericano. O volume da população negra concentrada no Brasil e as múltiplas organizações que têm por finalidade priorizar as questões relativas à causa negra são a razão desta importância.

O movimento negro no Brasil, por certo, não é homogêneo. É, na verdade, um conglomerado de muitas práticas e posições, tendo em comum o combate ao racismo e a luta pela plena participação da população negra na sociedade.

15. Idem, pg. 111-112.

Sem ser exaustivo, gostaria de chamar a atenção para três vertentes, ou melhor dito, três experiências significativas na fase recente do Movimento Negro brasileiro. Quero me referir ao "Movimento Negro Unificado" (M.N.U.), ao "Grupo de União e Consciência Negra", e aos Agentes de Pastoral Negros".

2.1 Movimento Negro Unificado

O Movimento Negro Unificado (M.N.U.) surgiu no contexto do final dos anos 70. Surgiu como um marco histórico de luta por uma consciência negra nacional.

Quando do seu surgimento a situação geral era a de sempre. A violência policial contra a população empobrecida tinha-se intensificado e estava generalizada nas periferias das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro sobretudo, como também em outras grandes cidades. É indispensável dizer que em tal situação os mais atingidos eram os negros responsabilizados de antemão pelos assaltos a bancos, pelos roubos a indivíduos, e por todo tipo de práticas marginais. Ser negro é ser suspeito até que se prove o contrário.

A intensa perseguição policial incidindo sobre as crianças e jovens negros fez com que os sentimentos de revolta da população negra acescasse. Mais de três mil pessoas se organizaram em ato público nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo na tarde do dia sete de julho de 1978.

Esta manifestação de protesto contra a violência e a discriminação racial deu origem a uma prática mais orgânica assumida como "Movimento Negro Unificado - M.N.U."

Uma das bandeiras do Movimento Negro no final da década de 70 foi fazer do dia "20 de novembro", data do assassinato de Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares, dia Nacional da Consciência Negra e de luta contra a discriminação racial. Esta ação surtiu efeito e teve como consequência a Mobilização da população negra em direção à retomada da consciência de ser negro no Brasil.

O Movimento Negro Unificado atingiu sobretudo os negros universitários e aqueles ligados aos Movimentos estudantis. Isto mostra ao mesmo tempo o seu alcance e os seus limites. Não foi uma prática de penetração popular. Entretanto, com a ajuda das ciências sociais e

políticas, os militantes do Movimento Negro Unificado procuraram estabelecer uma leitura dialética das relações de classes e aprofundar a reflexão sobre os mecanismos de exploração e violência que pesam sobre a mulher e o homem negros.

Apesar do seu caráter acadêmico, o Movimento Negro Unificado reuniu na década de 70 e início da década de 80 muitos adeptos, chegando mesmo a ser a expressão maior do movimento negro brasileiro neste período.

2.2. Grupo de União e Consciência Negra

No período de preparação para a Assembléia do Episcopado Latino-Americano em Puebla, 1979, foram realizados alguns encontros entre militantes leigos da igreja católica, religiosos, padres, um ou outro bispo, e assessores particularmente ligados à dimensão missionária da CNBB. Destes encontros resultou a organização do Grupo de União e Consciência Negra, cuja criação foi formalizada no dia sete de setembro de 1981 em assembléia realizada em Brasília.

O surgimento do Grupo de União e Consciência Negra foi muito importante, inclusive porque despertou na igreja a preocupação para com a realidade da população negra. O movimento orienta-se por uma prática sensível aos movimentos populares, aos sindicatos, com o objetivo de contribuir para o combate a toda forma de racismo e discriminação racial. Entre as propostas do Grupo de União e Consciência Negra é dado ênfase ao fato da Marginalização da população negra, a busca de projetos alternativos, e o respeito às práticas das religiões afro-brasileiras.

2.3. Os Agentes de Pastoral Negras

No início da década de 80, mais precisamente em 1983, a partir de um encontro que reuniu agentes de pastoral negros da Igreja Católica (padres, bispos, religiosos, seminaristas, diáconos e leigos engajados) começou mais um trabalho, cujo objetivo era refletir a questão do racismo anti-negro à luz da fé. Embora os participantes do primeiro encontro realizado no dia 14 de março/83 fossem todos católicos, o movimento nasceu com abertura ecumênica, e com profundo respeito e valorização das religiões e cultos afro-brasileiros, particu-

larmente o Candomblé. Pelo fato dos participantes serem negros engajados nas várias pastorais, ministérios e serviços na igreja, foram espontaneamente chamados, como hoje são conhecidos, de "Agentes de Pastoral Negros".¹⁶

Os Agentes de Pastoral Negros, hoje a Instituição negra orgânica de maior difusão em todo o país, se definem como pessoas que atuam em diversos setores da sociedade e da Igreja com o objetivo primeiro de refletir sobre a situação do negro, com o compromisso de somar com os demais empobrecidos que buscam a transformação social. Assumem a missão não menos fácil de "enegrecer" a Igreja, ou seja, trabalhar a fé cristã a partir das culturas negras.

Ao comemorar dez anos de organização, os Agentes de Pastoral Negros estão atuantes em quase todos os Estados brasileiros, e através do Quilombo Central, sediado em São Paulo, mantém uma ponte de ligação com vários movimentos de negros nos diversos países da América Latina e Caribe. Entre as realizações dos Agentes de Pastoral Negros figura a Campanha da Fraternidade de 1988 proposta pela entidade e aceita pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Foi das campanhas da fraternidade realizadas pela CNBB, a que maior impacto causou até hoje.

3. ENCONTROS DE PASTORAL AFROAMERICANA - EPA

Os Encontros de Pastoral Afroamericana (EPA), surgiram do desejo e da necessidade de uma articulação das iniciativas do trabalho realizado com as comunidades negras em alguns países e regiões da América Latina, América Central e Caribe. Embora, o termo pastoral dê a conotação de uma iniciativa ligada à Igreja, os encontros ocorreram por decisão e vontade das lideranças de grupos de pastoral afro atuantes nos diversos países.

3.1. Primeiro EPA: Religiosidade Popular e Cultura Negra

O primeiro Encontro de Pastoral Afroamericana (EPA), foi realizado em Buenaventura, na Colômbia, em 1980. O Tema escolhido para

16. Sobre esse assunto indicamos a leitura do livro "Agentes de Pastoral Negros: Consolidação, Organização, Fé e Luta" - São Paulo, 1993.

os debates foi "Religiosidade Popular e Cultura Negra". Embora a representatividade não tenha sido tão ampla, estava iniciado o processo que paulatinamente foi tendo maior participação oficial da Igreja.

Entre as conclusões deste primeiro EPA foram destacadas:

1. A necessidade da pesquisa científica sobre a cultura afroamericana; 2. O valor da tomada de consciência frente à problemática cultural das comunidades afroamericanas; 3. Interpelar as Igrejas para assumir um compromisso pastoral junto à Comunidade Negra; 4. Procurar formas adequadas para o uso das expressões religiosas provenientes das culturas negras. Os participantes do encontro alertaram também para o perigo de superficialidade e folclorização quando se aborda a questão cultural afroamericana.¹⁷

3.2. Segundo EPA: Identidade e História do Povo Afroamericano à Luz da História da Salvação

Em 1982 foi realizado o Segundo EPA. O local escolhido foi a cidade de Esmeraldas, no Equador. O tema aprofundado foi sobre a "identidade e a história do povo afroamericano à luz da história da Salvação". Os participantes, já em número maior que no primeiro EPA, debateram e aprofundaram o fato histórico da negação generalizada da identidade do negro na América Latina, e a desassociação da história do negro dos demais oprimidos do continente. Insistiu-se na necessidade de colaborar com os processos de afirmação da identidade afroamericana. Constatou-se que há muita desinformação sobre o negro. É necessário uma reflexão mais profunda sobre o modelo de integração dos povos e culturas tendo em vista uma sociedade igualitária.

Os participantes do segundo EPA enfatizaram a necessidade de uma reflexão sistemática sobre a identidade específica do homem e da mulher afroamericanos tendo presente os acontecimentos históricos que os envolveram. Quando a reflexão é feita a partir da história, por certo, há valores e anti-valores. É preciso considerá-los. O segundo EPA reafirmou a necessidade de descobrir a força libertadora da Palavra de Deus na comunidade afro, e de perceber na sua história e no presente os sinais de salvação. É necessário, concluíram os participan-

17. Cf. *Relato do Primeiro Encontro de Pastoral Afroamericana*, in *Palenque, Boletim Informativo*, Quito, 1980.

tes, elaborar uma teologia que a partir da Palavra de Deus e da história do povo negro revele o rosto afroamericano de Deus.¹⁸

3.3. Terceiro EPA: *Identidade Afro-americana e Pastoral*

Porto Belo, cidade do Panamá, foi a sede do terceiro encontro de pastoral afroamericana em 1986. Mais uma vez esteve presente nos debates a preocupação com a questão da Identidade. O tema escolhido foi "Identidade Afroamericana e Pastoral". A população negra contribuiu enormemente com a religiosidade popular difusa em toda a América Latina e Caribe, dando-lhe um aspecto de alegria e festa. É necessário, entretanto, manter a identidade das comunidades negras, através inclusive, da memória histórica, para que não se dissolva e perca a sua especificidade.

3.4. Quarto EPA: *A Família Afroamericana*

O quarto Encontro de Pastoral Afroamericana aconteceu na Costa Rica, na cidade de Puerto Limón, em 1989. O tema "A família afroamericana", permitiu o aprofundamento sobre o modo de viver e de ser família nas comunidades negras, bem como as suas características próprias.

A família negra possui valores que revelam seu profundo empenho na defesa da vida. São suas características: 1. A escuta e respeito aos mais velhos; 2. A relação de consangüinidade (pais, filhos, parentes, compadres, etc.); 3. A compreensão ampla de família; 4. A abertura ao coletivo. Estes elementos característicos da família negra devem constituir a base para a ação pastoral. Embora marcada duramente pela escravidão no passado e pela marginalização do presente, a família negra é um dos marcos de resistência dos povos afroamericanos.¹⁹

18. Cf. Relato do Segundo Encontro de Pastoral Afroamericana, in Palenque, Boletim Informativo, Quito, 1982.

19. Cf. Relato do Quarto Encontro de Pastoral Afroamericana, in Palenque, Boletim Informativo, Quito, 1989.

3.5. Quinto EPA: Pastoral e Educação Afroamericana

O quinto encontro de Pastoral afroamericana aconteceu em Quibdo, na Colômbia, em junho de 1991. A presença de duzentos e vinte delegados provenientes de diversos países, representando diferentes organizações negras foi altamente significativa.

O tema do encontro foi "Pastoral e Educação Afroamericana". O objetivo era motivar a elaboração de um projeto de educação afroamericana, chamando em causa as Igrejas e os Governos.

O segundo objetivo do encontro era o de aprofundar a reflexão, no sentido de dar uma dimensão autenticamente latinoamericana aos EPAs.

A avaliação dos participantes foi bastante positiva no sentido de que os debates foram esclarecedores.

3.6. Sexto EPA : Espiritualidade Afroamericana

Com o tema "Espiritualidade Afro-Americana e Expressões Religiosas" foi realizado em Esmeraldas, no Equador, de 19 a 20 de setembro de 1994, o VI Encontro de Pastoral Afro-Americana. Participaram cerca de 180 pessoas de 14 países: Brasil, Colômbia, Costa Rica, Equador, Haiti, Honduras, México, Peru, República Dominicana, Benin, Moçambique, Uganda e Zaire.

O tema abordado deu continuidade às questões tratadas nos encontros anteriores. Ao aprofundar o tema da "Espiritualidade Afroamericana", o VI EPA tem como objetivo contribuir para o fortalecimento das comunidades cristãs com rosto negro, assumindo suas próprias vivências espirituais enraizadas nas tradições culturais e religiosas de origem africana. "Na África a espiritualidade se alimenta com as celebrações da vida cotidiana. Ligadas a estas tradições as comunidades afroamericanas estão cada mais conscientes da imensa riqueza e variedades de suas raízes, vivências e expressões religiosas."²⁰

4. CONCLUSÃO

Ao tomar estas três iniciativas da anualidade do Movimento negro brasileiro e latinoamericano (Congresso de Cultura Negra, Movimentos

20. Cuadernos de Pastoral Afroamericana 5-6, Quito, 1995 pg. 25

COMUNIDADE NEGRA: Questões permanentes e emergentes

Antonio Aparecido da Silva

O relacionamento cultural entre povos e nações é uma questão histórica, e reaparece sobretudo hoje quando se fala cada vez mais em uma sociedade multitécnica, multicultural, pluriétnica (multirracial), enfim pluralista.

Em muitos países, embora não sendo algo inusitado, a questão do relacionamento inter-cultural ressurge diante do fato das constantes e massivas imigrações. É o que está acontecendo hoje em várias partes do mundo, na Europa como na América do Norte.

Na Europa atualmente existem oficialmente cerca 13 milhões de estrangeiros, classificados de "extra-comunitários", provenientes da África, Ásia, Países Árabes e da América Latina. Este número pode ser acrescido, porque também neste caso, a clandestinidade faz com que a estatística seja apenas uma referência e não uma certeza científica. Isto, sem falar do grande número de migrações internas, sobretudo dos países do Leste para outros países da Europa. Este movimento tem produzido alguns choques e confrontos. Uma parcela da população, minoritária, sem dúvida, tem manifestado publicamente o seu protesto contra a presença do migrante. A maioria entretanto, tem saído às ruas aos milhares para demonstrar a sua indignação diante do xenofobismo e racismo.

Se por um lado, a Europa parece ter mergulhado de vez em uma nova cultura: a "cultura do mercado comum europeu", aparentemente sem fronteiras, por outro lado, são evidentes as reivindicações internas, bem como são manifestas suas dificuldades em relação aos povos de origem não europeia. À medida em que o mercado comum europeu se consolida, mais duvidosa é a sorte daqueles que não possuem o privilégio da cidadania "comunitária". Isto leva no mínimo a um questionamento: a Europa do mercado comum revela o prenúncio de um universalismo cultural ou configura uma nova forma de etnocentrismo de povos preocupados exclusivamente com o seu futuro primeiro mundista?

O jornal "Le monde", em recente publicação, afirmava que 52% dos belgas, 44% dos franceses e 43% dos ingleses acreditam que a presença dos "extra-comunitários" na Europa é um fato culturalmente negativo. A França, inclusive reforçou o patrulhamento nas suas fronteiras dificultando até mesmo o ingresso de turistas no país.

A indisposição cultural na comunidade europeia, é ainda mais marcante quando se trata de afrontar os imigrantes negros. Aliás, esta é uma dificuldade com características novas, sem dúvida, mas que procede de postura do passado. Já durante o século 18 o arsenal de guerra cultural montado contra os negros se ampliou consideravelmente. A Europa foi considerada moderna, mas o mundo não europeu foi classificado de "selvagem" e pré-histórico.

O estigma atingiu sobretudo a população africana reforçando a discriminação e criando a falsa afirmação de que os colonizados ganhavam tudo em aderir à cultura dos colonizadores, e que as culturas africanas eram inaptas a veicular noções científicas. Infelizmente os preconceitos do passado retomam na conjuntura presente e as manifestações de abertura ao pluralismo cultural se mesclam com atitudes radicalmente opostas. O ideal do multiculturalismo entra em crise nos Estados Unidos e uma onda de neo-nativismo faz a apologia do "american dream".

Não raramente tem surgido publicações apontando para a intolerância multicultural. Em "Alien Nation" (Nação Extrangeira), 1995, Peter Brimelow defende rígido controle da imigração para os Estados Unidos em favor da hegemonia dos brancos no país. Brimelow põe em cheque a política do multiculturalismo e sua tentativa, nos últimos anos, de administrar as diferenças étnicas e culturais na América.

Não poucas vezes a intolerância chega aos extremos da agressão. Richard Herrnstein e Charles Murray, por exemplo, em "A Curva do Sino", 1994, afirmam que, devido a fatores genéticos, o QI de negros é inferior ao de brancos e asiáticos. Por outro lado cresce cada vez mais a convicção de que o encontro de culturas é um fato benfazejo na medida em que permite trocas e intercâmbio de valores. Quando ao contrário, serve como instrumento de dominação, é algo detestável.

Caminhar hoje em direção à uma sociedade culturalmente mais aberta exige antes de mais nada a superação dos preconceitos do passado, e dos resquícios de posturas etnocentristas. Estas questões ligadas à cultura, que não podem deixar de causar preocupação na Europa, constituem também problemas na América do Norte, no Caribe e na América Latina.

A questão cultural tem tido presença constante na pauta dos debates, e aumentou ainda mais a partir da reflexão sobre os quinhentos anos da conquista das Américas. A forma pela qual deu-se o encontro entre as culturas européias, indígenas e negras a partir da conquista, causou problemas que ainda hoje persistem. Negros e indígenas, em todo o continente, renascem de suas culturas oprimidas e exigem o reconhecimento por parte da sociedade. Na reflexão que se segue, gostaria, sobretudo de chamar a atenção para a presença cultural afro-americana e suas manifestações.

1. O ROSTO NEGRO DA AMÉRICA LATINA

A presença negra na América Latina e no Caribe é de tal proporção e relevância que não se pode omitir esta realidade étnica ao tratar questões culturais relativas ao continente.

Há, inclusive, entre os estudiosos quem afirma que a presença negra na América Latina precede o período colonial. Os resquícios da arte, artefatos e a arqueologia pré-colombianos, segundo tais autores, mistam os sinais da África na América, mesmo séculos antes que os europeus a conquitassem.¹

Entretanto foi durante os quase quatro séculos de escravidão que se constituiu e se efetivou o grande contingente populacional de ne-

1. cf. Nascimento, Elton Larkin. "Pan-Africanismo na América do Sul, Vol. 2, 1981 p.109

gros transportados da África para as Américas. No período Colonial foi da ordem de 9,5 milhões. Há autores que apresentam cifras maiores chegando mesmo a dobrar estes números apresentados por Philip Curtin.²

O Brasil é o país que condensa a maior população negra na América. Cerca de 42,8% dos mais de 150 milhões de brasileiros, são negros segundo dados oficiais. Para a militância do Movimento Negro no Brasil, este percentual atinge a 50%. De qualquer forma não há menos de 70 milhões de negros brasileiros atualmente. Isto significa que o Brasil reúne a segunda maior população negra mundial, superado apenas pela Nigéria. Na América Latina e no Caribe, a população negra destaca-se também na Colômbia, no Peru, na Venezuela, no Panamá, no Equador, em Cuba, em Santo Domingo e sobretudo no Haiti, onde quase a totalidade da população é negra.

Mesmo sendo vítima de ideologias (branqueamento, mestiçagem) o contingente populacional negro permanece significativo. A população negra latino-americana supera os 100 milhões. Neste sentido os negros tiveram melhor sorte que os indígenas. De aproximadamente 40 milhões que eram os indígenas em todo o continente quando se deu a conquista, ficaram de tal modo reduzidos que hoje após 500 anos, não somam os 40 milhões de então. Isto mostra a brutalidade do genocídio do qual também o negro foi vítima.

De resto, a presença negra não se reduz apenas ao dado numérico, mas é sobretudo um fator cultural. As características negras estão tão indelevelmente presentes na América Latina e no Caribe, seja na arte que na música, nas expressões religiosas, no bio-tipo, no modo de ser, nos costumes, que se fossem negadas descaracterizariam em grande parte a própria identidade do homem e da mulher Latinoamericanos.

2. A EMERGÊNCIA CULTURAL NEGRA

Na América Latina, embora predomine oficialmente um padrão cultural ocidental estabelecido a partir da colonização, reconhece-se cada vez mais que não existe um só povo e uma só cultura. Há nos

2. cf. CURTIN, Philip, cit. por Bezouzo, José Oscar, in *Escravidão Negra e História da Igreja na América Latina e no Caribe*, Vozes 1987 p.34

países latino-americanos uma rica variedade de culturas ligadas aos diversos povos que aqui convivem.

Nesta pluralidade cultural destacam-se as culturas dos povos indígenas e negros. Através destes povos a América Latina, compreendido o Caribe, é herdeira de formas de vida e de interpretações da realidade, em que pese marginalizações, muito contribuem e têm a contribuir para a solidariedade entre os homens, e o conagraimento universal.

Nos últimos tempos, verifica-se um incremento notável qualitativo da consciência da identidade negra latinoamericana. Por todo o continente a comunidade negra mostra sinais de vitalidade. Há manifestações e iniciativas não somente recreativas e folclóricas, mas especialmente de caráter associativo, tanto no campo cultural, quanto social e religioso.

Este fato, inclusive, chamou a atenção do Papa João Paulo II. Na mensagem dirigida aos afro-americanos por ocasião da assembléia de Santo Domingo, o Santo Padre afirmou que "olhando para a realidade atual do novo mundo, vê-se pujante e vivas comunidades afroamericanas que, sem esquecer o seu passado histórico, oferecem a riqueza de sua cultura à variedade multiforme do continente. Com tenacidade, não isenta de sacrifícios, contribuem para o bem comum integrando-se no conjunto social mas mantendo a sua identidade, usos e costumes".³

Em alguns países latino-americanos a incidência da cultura negra é mais esporádica devido certamente a um menor contingente populacional negro. Mesmo nestes casos, é uma realidade que pela sua significação histórica e as condições anais de vida do povo negro, não pode ser minimizada.

Em muitos outros países a presença cultural do negro é notável, e o é ainda mais naqueles países onde a população negra atinge grandes proporções, como por exemplo, no Brasil, Haiti, Panamá, e outros.

Os grupos e organizações negras que se proliferam na sociedade civil e nas igrejas, ao mesmo tempo em que lutam pelos direitos de real participação e busca de cidadania, procuram com insistência reinventar as suas raízes culturais africanas e recuperar uma profunda consciência histórica da sua situação de diáspora.

³ João Paulo II, *Mensagem aos Afroamericanos*, S. Domingo, 1993.

3. A IGREJA E O DESAFIO DE UMA PASTORAL INCULTURADA DESDE A COMUNIDADE NEGRA

A Igreja, por sua vocação e ministério, não pode deixar de estar presente neste processo de tomada de consciência e de organização da comunidade negra. Para que a Igreja chegue a ser uma reunião de povos, diferentes, mas unidos e harmônicos, é preciso assumir e intensificar um diálogo profundo, sincero e respeitoso entre Evangelho e Culturas, visando preservar a legítima identidade dos diversos povos. "O que não é assumido não é redimido".

O Reino que o Evangelho anuncia é vivido por homens e mulheres profundamente ligados a uma determinada cultura, e a edificação do Reino não pode deixar de servir-se de elementos das culturas humanas.⁴

As situações históricas adversas em que se deu o encontro entre a Igreja e o povo negro na América Latina, não permitiu que os agentes eclesiais avaliassem, sem preconceitos, e assumissem os valores criados da cultura negra. Houve um relacionamento de rejeição, realimentado ao longo dos séculos por sucessivas formas de preconceitos. Classificadas *a priori* como bárbaras, e acusadas de feitiçaria, as expressões culturais e religiosas negras foram marginalizadas. Ainda hoje permanece na pastoral um clima de suspeição em relação ao mundo cultural negro.

A ruptura entre o Evangelho e a cultura foi sem dúvida o drama de outras épocas, e é também o drama da nossa época, segundo Paulo VI.⁵ Isto se aplica particularmente em relação à cultura negra. É uma situação que à luz da meridiana evidência evangélica exige mudança. Embora não tenha atingido todo o continente, são contudo significativas as iniciativas ocorridas nas Igrejas de vários países latino-americanos em relação ao povo negro e suas expressões culturais.

Estas iniciativas marcadas por reuniões, encontros, seminários, consultas, campanha da fraternidade, assembleias pastorais, em nível local, nacional e internacional, têm mostrado a urgente necessidade de se refletir a realidade da população negra à luz da fé e aprofundar o sentido da inculturação a partir do seu universo cultural religioso. O 5º Congresso Missionário Latino Americano (COMLA) celebrado re-

4. cf. Evangelii Nuntiandi, 20

5. Idem

centemente em Belo Horizonte, mostrou a necessidade de um salto qualitativo nas práticas da Igreja em relação às culturas em geral e particularmente às culturas afros e indígenas. O tema central "O Evangelho nas Culturas: Caminho de Vida e Esperança" favoreceu uma nova síntese e a percepção da "originalidade das culturas nas diferenças dos modos de ver, pensar, sentir, apreciar, falar, orar e agir".⁶ Praticamos o exercício da escuta, do respeito às diversas manifestações das culturas negras, indígenas, mestiças, urbanas. Ao mesmo tempo, entendemos como, em toda essa pluralidade, se faz presente o mesmo evangelho", conclui a mensagem final dirigida ao Povo de Deus.⁷ O caminho indicado pelo Congresso Missionário Latino-Americano é o da inculturação. Insiste na necessidade de se "conhecer e valorizar as culturas, valores e organizações dos povos afroamericanos (...) aproveitando seu potencial para uma nova e inculturada evangelização".⁸

Embora seja um termo (conceito) ainda em evolução, a inculturação vem reunindo o consenso de ser um "processo de evangelização pelo qual se dá a encarnação da vida e mensagem cristãs assimiladas por uma cultura concreta, de modo que esta experiência não somente chegue a expressar-se com os elementos próprios da cultura em questão, mas se constituam no princípio inspirador, normativo e unificador que transforma e recria essa cultura, dando assim origem a uma nova criação".⁹

A inculturação compreende, de algum modo, o lançamento da semente evangélica na cultura. A semente evangélica fecunda e é fecundada, e a fé aí presente exprime-se segundo o gênio próprio desta cultura.

A inculturação não significa, portanto, uma atitude meramente receptiva da mensagem evangélica. Significa sim um processo dialético, onde a proposta evangélica, vivida e assumida através, inclusive, de formas culturais não incompatíveis com o Evangelho, é devolvida, expressa ou re-expressa segundo o *modus vivendi* (cultura) daquele determinado povo.¹⁰

6. CNBB-FOM, - Vivendo o COMLA 5, Ed. BSB, Brasília, 1995 p.42.

7. Idem.

8. Idem, p. 54.

9. ARRUPE, P., - LETTERA Sull' Inculturazione, Roma 1983.

10. Ver, da Silva, Antonio Aparecido, - Evangelização e Inculturação a Partir da Realidade Afro-Brasileira, in Inculturação Desafios de Hoje, Vozes, Petrópolis, 1994, p. 95.

Puebla oportunamente nos recorda que "as culturas não são terrenos vazios, carentes de autênticos valores. A evangelização da Igreja não deve ser processo de destruição do crescimento dos "germes do Verbo" presentes nas culturas".¹¹ A este propósito a assembleia de Santo Domingo ratifica que "toda evangelização há de ser inculturação do evangelho. A inculturação, é um imperativo necessário para restaurar o rosto desfigurado do mundo", afirma o documento.¹²

Ora, o povo vive uma cultura impregnada de fé que se manifesta em expressões religiosas penetradas de um profundo sentimento de transcendência e ao mesmo tempo da presença de Deus, voltada para a preservação e busca da dignidade das pessoas ameaçadas constantemente pelo empobrecimento e a marginalização. Por conseguinte, quando nos referimos à inculturação e povo negro, estamos falando de uma comunidade que além de preservar os valores mencionados, é na sua quase totalidade batizada e vive os ensinamentos evangélicos segundo suas próprias peculiaridades culturais.

O contato da comunidade negra latino-americana com a mensagem cristã foi através dos "germes do Verbo", mas foi também no seu confronto com o Evangelho, ainda que tenha sido em situação de colonização-escravidão. De modo geral não foram os missionários e o clero que comunicaram a mensagem cristã aos negros. Exceção feita ao batismo. Este fato é marcadamente significativo para a inculturação, pelo menos no que se refere à comunidade negra. A evangelização dos negros se deu no seu contato com pobres espanhóis e portugueses que os conquistadores trouxeram para as suas colônias: Artesãos, operários, empregados, lavradores, muitas vezes prisioneiros em Espanha ou Portugal. Posteriormente, pelo contato com os numerosos imigrantes pobres que vieram das regiões mais carentes da Europa assolados pela miséria, desemprego e fome.

Durante o século XIX, e ainda no início do século XX, milhões de imigrantes pobres vieram aumentar a população das nações latino-americanas, trazendo o seu catolicismo popular tradicional. Geralmente vieram sem sacerdotes e estabeleceram convivências caracterizadamente marcadas pela prática religiosa da fé.

Esses brancos pobres se misturaram com os negros e com os índios, comunicando-lhes a sua religião, permitindo uma assimilação

11. Conclusão da conferência de Puebla, 401.

12. Santo Domingo, 13.

adaptada à condição e ao patrimônio cultural de cada um: o que os padres em geral, ainda hoje, denunciam e condenam sob a palavra de sincretismo, ou de superstição. Estabeleceu-se na verdade em muitas regiões e países um intercâmbio. A comunidade branca que comunicou a sua religião, foi por sua vez atingida pelos negros que lhe devolveram a mensagem reinterpretada a partir dos seus parâmetros culturais.

Neste processo a comunidade negra, de modo todo especial, recebeu a mensagem num espaço prioritariamente seu, sobretudo nas "irmandades". Mesmo aquela parcela da população de origem africana que não estava mais vivendo num contexto de catolicismo luso-espanhola-latinoamericano acabava se expressando religiosa e culturalmente através da amalgama entre estes universos.

A inculturação, do ponto de vista teológico e pastoral, supõe um contexto cristão, e, no caso, católico. É importante ter presente, entretanto, que muitos dos elementos significativos para a compreensão da inculturação a partir da população negra, encontram-se intrinsecamente ligados às práticas culturais religiosas tradicionais de origem africana. O Papa João Paulo II na "Exortação Apostólica Pós-Sinodal: *Ecclesia in África*", recentemente promulgada, recomenda a valorização das antigas tradições africanas. "Quanto à religião tradicional africana", observa o Papa, "um diálogo sereno e prudente poderá, por um lado, proteger de influências negativas que, frequentemente, condicionam o modo de viver de muitos católicos, e, por outro, assegurar a assimilação de valores positivos, como a crença num Ser Supremo, Eterno, Criador, Providente e Justo Juiz, que se harmonizam bem com o conteúdo da fé (...). Portanto, a que olhar com grande respeito e estima quantos seguem a religião tradicional, evitando qualquer palavra inadequada ou irreverente".¹³

Pode-se concluir, portanto, que o povo negro na diáspora assimilou a partir daquilo que já sabia antes, e integrou a proposta evangélica na sua própria trajetória. Fica mais uma vez evidente, em que pese as dificuldades existentes no passado e no presente, o processo de inculturação havido na comunidade negra mostrou que a evangelização não é a simples comunicação e recepção do legado histórico do cristianismo. O receptor do Evangelho somente pode recebê-lo recriando dentro de si próprio, por si próprio.

13. João Paulo II, - *Ecclesia in África*, 67.

4. CONCLUSÃO

Com propriedade, pode-se concluir que o povo negro, sobretudo na diáspora, criou de novo o Evangelho, reconstruindo a mensagem que recebeu. Para a população negra, inclusive por razões históricas, a inculturação é antes de tudo obra do receptor do evangelho. Ele é quem acolhe dentro da sua cultura a mensagem recebida e lhe explicita o conteúdo. Se isso não ocorrer, não há evangelização. No entanto, a inculturação faz exigências a toda comunidade eclesial, em particular aos seus pastores, ministros e agentes de pastoral, para o quanto possível, assumir a cultura do outro.

Nesta segunda dimensão, inculturar-se é ver o mundo e perceber a ação salvífica-libertadora de Deus com os olhos da comunidade negra. É sentir como o oprimido negro experimentou Deus na sua condição de escravo, o experimenta na situação de marginalizado, e como através de seus símbolos, cultos e manifestações religiosas denuncia as opressões existentes hoje, e anuncia a justiça de Deus. Inculturar-se é fazer com que a Igreja não estacione na opção que vem paulatinamente realizando nas últimas décadas, mas que aceite o permanente desafio de ir sempre em busca "do pobre mais pobre": o povo negro, e mergulhando em sua cultura, perceber a riqueza da sua criatividade.

O processo de inculturação vai exigir por parte dos pastores da Igreja a valorização da cultura negra em geral, e das formas culturais religiosas negro-latinoamericanas em particular. Exigirá também a valorização das expressões da religiosidade popular mantidas pela comunidade negra. Necessitará intensificar o diálogo com as religiões de origem africanas: Candomblé, vodú, Umbanda, etc. No processo de inculturação é indispensável que as liturgias celebradas nas Igrejas se abram às manifestações culturais negras. Deste "baú" de tradições afroamericanas, surgem coisas "velhas e novas". Questões permanentes e emergentes que se constituem em novos desafios para as Igrejas e para a sociedade como um todo.

Revista de Teologia da Universidade de Brasília, 1971.

12. João Evangelista, 12. 12. João Evangelista - 12. João Evangelista

COMUNIDADES NEGRAS E EVANGELIZAÇÃO NO BRASIL: Assimilação ou Reinterpretação?

Ezequiel Lulz de Andrade

Não se sabe ao certo quando surgiu a idéia de que os negros seriam descendentes da raça maldita de Cam. Verdade é que se esta não foi decisiva para justificar a escravidão dos negros, pelo menos contribuiu, e de maneira significativa no Brasil, para que a escravidão se fizesse com maior tranquilidade de consciência.

Neste aspecto, um fato interessante é que na colonização realizada pelos anglo-saxões nas Treze Colônias Americanas, também foram desenvolvidos semelhantes conceitos discriminatórios em relação ao negro africano. O negro foi visto, não somente como uma classe inferior, mais como uma raça predestinada à escravidão. A sociedade norte americana, fundamentada numa ética religiosa baseada sobretudo na "Religião Civil", procurou desde cedo criar argumentos teológicos para legitimar a posse de escravos. Exemplo disso foi a elaboração da "Doutrina da Igreja Espiritual", tendo como arquiteto principal J. H. Thomwell, que preocupou-se em ajudar as Igrejas protestantes diante do problema da escravidão. Para ele, "quem condenasse a escravidão como pecado, atacava a Bíblia".¹

Na verdade a história de Cam ou qualquer outra parecida, elaborada durante a escravidão, não trata da maldição da etnia negra, mas

1. E. Rolly, Duncan A., - *Metodismo Brasileiro e Wesleyano*, São Paulo, 1981 p. 222.

sim, da "experiência arquetípica da dominação de um povo sobre outro povo."

1. CATOLICISMO E PROTESTANTISMO DIANTE DAS TRADIÇÕES AFRICANAS

A Igreja Católica no Brasil, desenvolveu durante o processo de colonização, um modelo de religiosidade patriarcal. Tal procedimento, dificilmente possibilitaria a formação de uma comunidade essencialmente negra, como ocorreria frequentemente entre as denominações protestantes nos Estados Unidos. Um fator fundamental para compreender a divisão das Igrejas protestantes norte-americanas, está relacionado sobretudo com a discriminação sofrida pelos negros nas Igrejas brancas, as quais mantinham seus cultos separados entre negros e brancos.

Roger Bastide observa que: "O patriarcalismo aproxima o escravo brasileiro das práticas religiosas, porque ele também, numa certa medida, está integrado à família e, por conseguinte, a seu culto. Mas a solidariedade doméstica não impede a diferenciação racial, donde se explica a separação do catolicismo do branco e do negro. Nos Estados Unidos, o puritanismo protestante, sempre ávido de propagar sua fé, catequizou o negro, porém, o culto deste, era separado do culto dos brancos: havia duas cerimônias diferentes e, em geral, com sermões também diferentes; a segregação se estendeu a ponto de determinar o aparecimento de pregadores de cor, encarregados da edificação de seus irmãos de raça. Daí, a existência de dois protestantismos, onde exprimem as diversidades do temperamento ético. O protestantismo mais afetivo do negro, e o protestantismo mais racional do branco".²

No entanto, mesmo não havendo uma igreja Católica Negra, aqui no Brasil, pelo menos notamos aí a presença de certos elementos da cultura e da religiosidade negra, que são praticamente ausentes no protestantismo brasileiro, especialmente nas Igrejas de missões ou históricas, como é o caso da Igreja Metodista.

Estes elementos afro-cristãos, denominados de "sincretismo religioso", presentes no catolicismo, significam, antes de tudo, uma forma de resistência da cultura e da religiosidade negra. Estão presentes,

2. Cf. Bastide, Roger, « As Religiões Africanas no Brasil. São Paulo, Ed. Pioneira, 1985, p. 157-158.

sobretudo, nos espaços religiosos existentes nas irmandades ou confrarias católicas. Nesse sentido comenta Waldemar Valente: "O sincretismo valeu como uma poderosa arma que de início os negros habilmente manejaram contra a pressão esmagadora da cultura superior dos povos escravizadores. Sem ela, provavelmente, teriam sido absorvidos logo nos primeiros tempos da escravidão. Teriam desaparecidas suas tradições religiosas, bem como, os componentes de sua cultura material. Nem teriam podido manter de sua religião os traços que ainda hoje se conservam."³

A diáspora do povo negro para o Brasil, não poupou a religião africana, que está espiritualmente ligada ao ambiente doméstico, aos ancestrais reais ou lendários, onde o sacerdote está ligado ao serviço comunitário. Diante do esfacelamento da cultura e religiosidade africanas, encontramos no Brasil a reação dos dois grupos étnicos: os bantos e os sudaneses. Ambos reagiram de forma diferente em relação ao catolicismo brasileiro.

Os bantos associaram mais em torno das irmandades religiosas católicas. Porém, segundo Mauro Baptista, devido à sua organização estrutural interna, diferente daquela dos sudaneses, foram sempre mais abertos às mais diversas influências sincréticas. Suas práticas religiosas serão baseadas mais nos cultos dos espíritos e dos antepassados. Diferentemente os cultos das religiões sudaneses (Iorubá, Duomê e os Fanti-Achanti), são voltados mais para o ciclo das divindades, do que para o culto aos mortos. Os mortos são divinizados após a morte, e os reis ou heróis transformados em deuses que viveram na terra. Dão também ao transe um papel central. Mauro Baptista afirma que este grupo, ao contrário dos bantos, influenciado pelo islamismo, conservará melhor seu patrimônio religioso.⁴

João Manuel, analisando a presença destes grupos negros nas comunidades católicas, faz a seguinte observação: numa situação em que o negro não passava de objeto de uso de força de trabalho, restava o refúgio da religião. E isto foi uma das coisas que o colonizador português, mesmo com todo o seu sistema violento, não lhes pôde tirar chegando a acontecer justamente o contrário. Foi o branco quem assimilou alguns conceitos. A "magia" e a "fetiçaria" negras, foram formas de combater o sistema opressor.⁵

3. Cf. Valente, Waldemar, - Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro, p. 68.

4. Idem, p. 8.

5. Cf. Bastide, Roger, - Op. cit., p. 188-190.

2. SANTOS CATÓLICOS NAS RELIGIÕES AFROS

As devoções de santos católicos nas religiões afros devem ser vistas a partir de um quadro de resistência frente ao domínio e vigilância do homem branco. Esta prática nas confrarias eram, porém, uma forma de resgatar a identidade africana através da memória coletiva expressa pelo grupo. Segundo Henri Deroche, esta memória coletiva possui as seguintes características: é essencialmente uma reconstrução do passado; Adapta a imagem dos fatos antigos às crenças e necessidades espirituais do presente. A memória coletiva dos grupos, assim como a dos indivíduos, transfere às vezes para a realidade aquilo que nela é simples imaginação e devaneio. A memória coletiva distingue-se da história. Ela só conserva os eventos que são também ensinamentos. A memória coletiva reconstrói suas recordações de maneira que se ajustam com as idéias e preocupações contemporâneas.⁶

Referindo-se à diáspora dos africanos, Deroche, faz a seguinte pergunta: "Os deuses das 'Américas negras' são deuses exilados?" A resposta a pergunta se encontra sobretudo nos cultos que, segundo o próprio Deroche, serviram para a reconstituição da identidade, "contra a suprema alienação".

Observando o processo de rompimento Deroche, procura explicar este fato através da análise em dois níveis sociais: a infra-estrutura e a superestrutura. Vejamos o que ele nos aponta neste sentido: "As sociedades africanas que eles fizeram viver e que os fizeram viver, foram não somente deportadas, desestruturadas, mas também os próprios mitos destas sociedades se deixaram, às vezes, vestígios ínfimos e perturbados nos movimentos de uma coletividade escravizada e evangelizada. Estarão mortos os deuses? Estão tão pouco mortos que se movem não somente na memória motriz dos cultos, mas na reconstituição de todo um tecido social e cultural, baluarte de uma última identidade contra uma suprema alienação. Graças às suas memórias coletivas, as Américas negras vivem suas vidas em dois níveis: a infra-estrutura de uma cruel atualidade, a superestrutura de uma nostálgica comemoração. A memória destinada é ao mesmo tempo memória restituente e constituinte."⁷

No metodismo, por exemplo, jamais o negro obterá o resgate de sua identidade cultural e religiosa afros através da memória coletiva.

6. Cf. Deroche, Henri, - *Sociologia da Esperança*. São Paulo, Paulinas, 1985, p.167.

7. Mem. p. 170.

A conversão protestante está fundamentada numa experiência de fé pessoal ou individual, baseada sobretudo, numa prática moralizante e legalista. Desta forma, o metodismo brasileiro não oferecerá condições ou espaços para manifestações de crenças coletivas, e muito menos, voltadas para princípios considerados "pagãos". A conversão protestante, de acordo com Antonio G. Mendonça: "era individual e consistia no rompimento abrupto do indivíduo com seu meio cultural através da adoção de novos padrões de conduta opostos àqueles em que havia sido criado."⁸

Comentando os aspectos da conversão individualista, Mendonça acrescenta: "O protestantismo brasileiro de origem missionária ainda é conversionista. O individualismo conversionista produz ética também individualista, altamente excludente não só do ambiente cultural, mas capaz de romper os laços familiares mais íntimos."⁹ Analisando a conversão dos negros para o protestantismo, Roger Bastide também faz sua crítica: "O protestantismo dos negros brasileiros não se distingue do protestantismo dos brancos puritanos dogmáticos legalistas."¹⁰ Ou, ainda, como refere Prócoro Velasques: "Tratava-se de um protestantismo que se confundia com a cultura superior dos países anglo-saxões, branca e protestante."¹¹

Todavia, falar do catolicismo no Brasil tendo como referencial os espaços religiosos adquiridos pelos negros muito antes da implantação do protestantismo, é falar também do ambiente de vida, é falar do mundo da Casa Grande e Senzala, é falar da Capela ou irmandades religiosas. É falar, enfim, do ambiente patriarcal que tanto haveria de marcar a vida do país, e no caso específico, a do povo negro.

Entretanto, não concordamos com Gilberto Freyre que defende em uma de suas obras, a coexistência pacífica do negro no mundo da Casa Grande e o da Senzala, pacificidade esta que se torna difícil até mesmo de ser imaginada. Bastaria aqui, observarmos as sequelas desta "coexistência pacífica" dentro da alma e da vida do negro na atual sociedade brasileira, pois "o lugar do negro era um e dos brancos era outro", chegando ao extremo de nas capelas as missas serem para os negros e brancos em horários diferentes. Sobre estas condições Roger Bastide escreve: "No Brasil, a capela se dividia comumente também

8. Cf. Mendonça/Velasques, - Introdução do Protestantismo no Brasil. São Paulo, Loyola, 1990. p. 32.

9. Idem, p. 33.

10. Cf. Bastide Roger, - Op. Cit. p. 505.

11. Cf. Mendonça/Velasques, - Op. Cit. p. 105.

em duas partes separadas, o pórtico e a nave. A família do branco se reservavam os bancos da nave, enquanto os escravos permaneciam fora, assistindo à missa do pórtico através das portas abertas.

Por conseguinte, o africano estava ao mesmo tempo unido e separado, participava da religião de seu amo, embora dela participando como um ser inferior; a arquitetura se modelava na hierarquia das cores. Quando essa solução não era adotada, empregava-se uma solução análoga à dos Estados Unidos: o capelão rezava duas missas em horas diferentes, logo de manhã para os negros e, mais tarde, para a família do senhor branco.¹²

Nesse ponto, como já vimos, o catolicismo brasileiro vai se aproximar do protestantismo norte-americano, que devido à situação de discriminação apresentada em suas comunidades religiosas, acabou favorecendo a criação de duas igrejas: uma branca e outra negra. Porém, isto só não foi possível aqui no Brasil, porque segundo Bastide, faltou aquele elemento que "impediu a consciência de raça, exprimir-se através da experiência mística, visto que o catolicismo do negro era controlado por um líder branco."¹³

Nos Estados Unidos os negros não só tinham sua própria liderança religiosa negra, como, após a Guerra Civil (1861-1865), passaram a reclamar a composição de uma igreja essencialmente de negros, e, com maior liberdade e sem constrangimento, vieram a se exprimir.

No Brasil, ao contrário, nem sequer foi permitido o ingresso de negros nas ordens eclesásticas católicas. Os "mulatos", tiveram melhor sorte. Com menos dificuldade conquistavam seus espaços. O "mulato" brasileiro pôde se inserir com menos dificuldade numa sociedade mais amestizada, na medida em que ele próprio considerou-se mais como um membro do grupo branco que do grupo africano.¹⁴

Desta forma, o mestiço (mulato), terá mais sorte e regalias na sociedade escravocrata que os negros africanos. Do ponto de vista estratégico esta prática contribuirá para sua ascensão na sociedade e no cenário político brasileiro. Entretanto, sintetizando a questão da família patriarcal brasileira, Roger Bastide, faz a seguinte afirmativa: "A estrutura da família patriarcal escravista, inibia o igualitarismo cristão, e se opunha ao desenvolvimento de uma das tendências

12. Cf. Bastide, Roger. - Op. Cit. p. 158.

13. Idem, p. 159.

14. Observamos que a origem da palavra "mulato", possui sentido pejorativo. Trata-se da combinação de duas palavras: (ato + mulo).

características da Igreja.¹⁵ Esta tendência pode ser supostamente entendida aqui como sendo o surgimento de uma Igreja Católica Negra a exemplo das igrejas negras norte-americanas.

Um fato interessante é a presença de "santos negros" ou "virgens negras", que a Igreja introduziu como forma de incentivo aos negros africanos para a participação na missa católica. Tais santos, nada tinha a ver com o mundo religioso africano. Segundo a interpretação de João Manuel esta era uma forma criada pela Igreja para cristianização dos negros africanos "e que foi considerado pelo senhor de escravo um meio de controle social, um instrumento de submissão para o escravo."¹⁶ Esta prática era feita com o consentimento do senhor de escravo que além de mandar no feitor, também exercia poder sobre o clero que estava à seu serviço. Neste aspecto, o sacerdote católico será visto mais como um funcionário que propriamente um religioso. Geralmente os "os religiosos" cravam diversas formas para atrair os escravos, como a música e a dança. Visando com isto adaptar o negro ao dogma da Igreja Ocidental. Tal metodologia contribuía para o enfraquecimento de revolta do negro redundando numa superficial evangelização.

3. OS NEGROS E O PAPEL DAS IRMANDADES.

A propósito do catolicismo, além do batismo, os senhores pouco se importavam com seus escravos em termos de educação religiosa. Caberia ao clero contratado zelar pela educação dos negros. As irmandades apareceram como uma tentativa de cumprir esta tarefa. Entretanto, a apropriação das irmandades pelos negros africanos, muda o seu sentido. A irmandade passa a ser instrumento de libertação para o negro escravo. Através das irmandades são compradas cartas de alforria, bem como, a realização de sepultamentos dignos para os negros.

Entre as irmandades ou confrarias católicas, havia um certo grau de conflitividade. Desde início, existia nas irmandades, divisões de brancos e negros. Havia também, uma subdivisão entre os próprios negros, classificados como: pardos, mulatos, e os negros propriamente ditos. Nas cidades, por exemplo, essa divisão era por nações. Os "iorubás formavam uma irmandade, e os congos outra". Entre eles havia uma forte competição e discriminação. A este respeito, comenta Bastide:

15. Bastide, Roger. - Op. Cit. p. 160.

16. Cf. Mira, J. M. L., - A Evangelização do Negro no Período Colonial Brasileiro. São Paulo, Loyola, 1983, p. 111.

"Confrarias extremamente numerosas, cujas umas das outras, em concorrência mútua, para ver qual ornaria melhor sua capela, qual teria mais poder, qual seria a mais rica. Os homens de cor se contagiaram por esse movimento; organizaram também confrarias calcadas no modelo dos brancos e, assim, o conflito racial vai se dissimular sob o manto da religião e a oposição étnica vai tomar aspecto de uma luta de sociedades religiosas."¹⁷

O momento forte dessas irmandades era, sem dúvida, o dia das festas dos santos padroeiros. Era considerado o momento em que se podia compensar todo desprezo sofrido durante o ano por parte dos brancos abastados. Frequentemente a festa realizada pelos negros era vista com maus olhos pelos senhores e pelo clero, que a classificava de "arruaça".

Os Santos "pretos", levados em procissão pelos fiéis negros, era mais do que uma representação mística religiosa, era sobretudo, "uma espécie de afinidade étnica." Daniel P. Kidder, missionário metodista, assistindo a uma procissão, ouviu o comentário de um negro que dizia: "Lá vem o meu parente".¹⁸

Outro ponto fundamental nas irmandades, é a desclericalização. Nas irmandades o leigo, inclusive as mulheres, têm vez e voz. O clero desempenha um papel secundário.

No protestantismo, ocorreu algo semelhante. Era oferecida ao negro a possibilidade do testemunho pessoal e da confissão pública, entre outras coisas. Entretanto, a direção dos cultos, ficava restrita aos pastores missionários, que detinham a administração do serviço religioso. Desta forma, caracterizava-se uma prática marcada por aquilo que Weber observou: "O saber sagrado consiste, em geral, no conhecimento de textos sagrados e dos escritos canônicos, bem como dos dogmas; os primeiros contendo a revelação e as tradições santas, e os dogmas definindo a interpretação do sentido dos escritos, como os padres [pastores] ou a hierarquia a concebem."¹⁹

17. Idem, p. 164.

18. Cf. Kidder, D. P. /Fletcher, - O Brasil e os Brasileiros. São Paulo, Ed. Nacional, 1941, p. 167.

19. Cf. Freund, Julien, - Sociologia de Max Weber. São Paulo, Florense, 1970, p. 146.

4. CONCLUSÃO

O negro africano diante dos pragmatismos católico e protestante, vive uma situação de desconforto em relação à sua cultura de origem. Pertencer a estas denominações religiosas, poderia representar uma "ascensão" que no entanto tinha seu preço: a desculturalização.

Ser negro protestante, representava a falsa ilusão de um acesso mágico à classe média. Assim como, ser negro católico, era resignar-se sob o peso da escravidão. Tanto numa, como em outra prática religiosa cristã, os negros tiveram que conviver com os problemas de ordem racial e de classe existentes no interior das comunidades. Foram aceitos, com dificuldade, mais em função da assimilação que fizeram dos modelos e práticas cristãs protestantes e católicas, do que dos esforços quase nulos destas igrejas em relação às culturas africanas.

Certamente, mais que chorar pelos pecados cometidos, cabe às igrejas cristãs, católicas e protestantes, envidar esforços no sentido de propiciar a vivência da fé reinterpretada pelos próprios negros. Neste sentido, novas práticas estão surgindo em número cada vez maior. Em todas as regiões do Brasil constata-se novas experiências de inculturação. Oxalá seja um dos meios para superar práticas seculares de discriminação e marginalização.



Quando se depara com a realidade da população afroamericana, sem dúvida, salta aos olhos a atrocidade da escravidão e as suas conseqüências ainda muito presentes sob vários aspectos. Nestes tempos assinalados pela exclusão, os negros, assim como seus irmãos indígenas, vêem-se particularmente agredidos por brutal marginalização. Estamos no final do milênio e do século marcados pela conquista da modernidade, entretanto os instrumentos e ganhos desta época de técnica e magia, não resultaram para as comunidades negras no continente.

Em que pese o atual fenômeno da globalização, com nelastas conseqüências para os setores e povos excluídos, é preciso olhar as culturas dos povos marginalizados como força não só de resistência, mas de possibilidade de alternativa. Os mais pessimistas entendem que não há o que fazer, diante da força niveladora da mídia. Estamos irremediavelmente entregues à sorte e aos caprichos da "mídiação".

Curiosamente, neste contexto, emerge como necessidade de sobrevivência, o anseio pelas particularidades étnico-culturais. Entre os povos excluídos, cresce cada vez mais a consciência de pertença aos distintos grupos étnicos: Negros, indígenas, garífunas, etc.

O tema da cultura vem abrindo caminho na sociedade como um todo e, particularmente, tem aberto espaço dentro das igrejas. Na Igreja católica, a temática recebe impulso sobretudo a partir de meados da década de 70 com a Encíclica de Paulo VI sobre a "Evangelificação no Mundo Contemporâneo". É célebre a observação do Papa quando afirmou que "a ruptura entre o evangelho e a cultura foi sem dúvida o drama de outras épocas, e é também o drama da nossa época" (EN.20). As Igrejas protestantes também têm abordado as questões culturais e suas implicações em termos de fé.